

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**A cidade contemporânea:  
da desconstrução geográfica a uma cartografia afetiva**

**Ana Carolina Campos Paiva de Carvalho**

Dissertação  
Mestrado em Cultura e Comunicação

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**A cidade contemporânea:  
da desconstrução geográfica a uma cartografia afetiva**

**Ana Carolina Campos Paiva de Carvalho**

**Orientação do Professor Doutor Manuel Frias Martins**

Dissertação  
Mestrado em Cultura e Comunicação

2014

## Resumo

As cidades contemporâneas constituem-se sob o efeito da globalização e das novas tecnologias digitais. Com isso, o sujeito vivencia uma nova experiência cultural de fluxo e interação na cidade. Os espaços descortinam formas inéditas de apropriação e o deslocamento pela cidade é recoberto pelo paradoxo de relacionar-se com ausências. O presente e o ausente confundem-se. O conceito de perto e longe nunca foi tão relativo. As fronteiras mundiais dissolvem-se ao passo que os vizinhos nunca estiveram tão distantes.

Este trabalho tem como objetivo analisar o modo como o sujeito relaciona-se com o entorno e com os demais na cidade contemporânea, verificando de que maneira as novas ferramentas de comunicação, especialmente as disponibilizadas pela Internet, modificaram as relações do sujeito nas grandes cidades.

A estrutura da pesquisa distribui-se da seguinte forma. Inicia-se com um traçado histórico da construção das cidades, para chegar a uma delimitação espaço-temporal da cidade contemporânea, definindo suas características gerais e deslizantes, tomando como ponto de partida os referenciais da modernidade. Num segundo momento, o foco passa a ser o sujeito contemporâneo nas grandes cidades, trabalhando questões como individualismo, anonimato, desassossego e pertencimento. Por fim, a pesquisa centra-se numa cidade que se reconstrói com base no afeto e nas afinidades, a partir do mundo virtual, que não é entendido como uma realidade paralela, mas como uma extensão da realidade. Será trabalhada a ideia de uma possível retribalização promovida pelas comunidades virtuais e pelas redes sociais *online*.

## Abstract

The contemporary cities are construed under the influence of globalization and the new digital technologies, which make us live a new cultural experience of the city in terms of flowing and interaction. The space unveils new ways of appropriation, and moving through the city is covered by the paradox of being related to a process of absences. The concepts of “near” and “far” have never been so relative. The global boundaries dissolve while next door neighbors have never been so distant.

This dissertation aims at analyzing how we relate with our fellow humans and with what surrounds us in the city. We also aim at verifying how the new communication tools, particularly the ones made available by the internet, have changed the relationships in large cities.

The structure of the research is divided in the following way. Firstly, we trace the paths of the historical constructions of the cities in order to reach the space and time boundaries of contemporary cities. We take modern life for starting point. Secondly, this study will focus on the big cities, working with issues such as individualism, anonymity, restlessness and belonging. Lastly, we will concentrate on the reconstruction of a city based on the affection and affinity that are being found by virtue of the virtual world. This world is not seen as a parallel reality but as an extension of reality. We will also explore the idea of a possible retribalization which is being promoted by virtual communities and online social media.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Cultura, contemporaneidade, cidade, cultura urbana, cibercultura,  
internet

### **KEYWORDS**

Culture, contemporaneity, city, urban culture, cyberculture, internet

## ÍNDICE

<b>Resumo</b>	<b>3</b>
<hr/>	
<b>Abstract</b>	<b>4</b>
<hr/>	
<b>Palavras-chave / Keywords</b>	<b>5</b>
<hr/>	
<b>Índice</b>	<b>6</b>
<hr/>	
<b>Agradecimentos</b>	<b>8</b>
<hr/>	
<b>Introdução</b>	<b>9</b>
<hr/>	
<b>Capítulo I – A cidade contemporânea</b>	<b>12</b>
<hr/>	
1. As raízes da cidade contemporânea	<b>13</b>
<hr/>	
2. Da cidade moderna à cidade contemporânea	<b>21</b>
<hr/>	
3. A cidade contemporânea e a mundialização da cultura	<b>24</b>
<hr/>	
4. Os não-lugares na cidade contemporânea	<b>29</b>
<hr/>	
4.1. Diversidade vs. homogeneidade	<b>32</b>
<hr/>	
<b>Capítulo II – Vivendo na cidade contemporânea</b>	<b>35</b>
<hr/>	
1. Vivendo na cidade contemporânea	<b>36</b>
<hr/>	
2. A migração na contemporaneidade: a construção de cidades multiétnicas	<b>37</b>
<hr/>	
3. A individualidade na cidade contemporânea	<b>39</b>
<hr/>	

4. Do enraizamento dinâmico à interação no ciberespaço	46
<hr/>	
<b>Capítulo III – Vivendo na Era Digital</b>	<b>51</b>
<hr/>	
1. Vivendo na Era Digital	52
<hr/>	
2. O sujeito e a vida online na contemporaneidade	53
<hr/>	
3. Internet e nova economia	56
<hr/>	
4. O sujeito e a mídia social na era digital	57
<hr/>	
5. O sujeito e a cidade na era digital: do <i>flâneur</i> ao <i>ciberflâneur</i>	62
<hr/>	
6. Da sociedade à comunidade virtual	65
<hr/>	
7. Movimentos sociais na sociedade em rede	67
<hr/>	
8. A estrutura afetiva dos laços sociais <i>online</i>	69
<hr/>	
9. Tribos e guetos na Internet	71
<hr/>	
10. Liberdade na era digital	72
<hr/>	
11. As cidades invisíveis	73
<hr/>	
<b>Conclusão</b>	<b>76</b>
<hr/>	
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>82</b>
<hr/>	

## **Agradecimentos**

O primeiro e mais importante agradecimento só pode ser para o meu marido Paulo Carvalho, meu melhor amigo, minha verdadeira fortaleza. Ele é a cidade que escolhi habitar. É minha inspiração e aconchego. Foi ele que um dia chegou em casa e disse: vamos morar em Lisboa. E depois desse dia tudo aconteceu. Sonhamos e realizamos essa aventura juntos. Por causa dele, tive força para começar esse projeto e conseguir concluir. Em cada página desse trabalho tem uma vontade minha de fazê-lo sorrir orgulhoso por desde sempre ter acreditado em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava. Sem o Paulo, nada disso teria acontecido. A ele, minha eterna gratidão. Por tudo, o tempo todo.

Ao Professor Manuel Frias Martins, professor e diretor do Mestrado em Cultura e Comunicação da Universidade de Lisboa e orientador deste trabalho, agradeço por toda disponibilidade, atenção e compreensão desde antes mesmo de eu embarcar para Lisboa, quando eu era apenas um coração angustiado por morar fora do país pela primeira vez e sofria com o atraso do Consulado para liberar meu visto. Agradeço não apenas pelo cuidado e respeito com que fui recebida quando cheguei em Lisboa um mês depois que as aulas começaram, mas também por ter sido em suas aulas que as sementes desse trabalho brotaram, enquanto estudávamos Marc Augé e Gilles Lipovetsky.

Agradeço aos amigos Carol Coelho e José Pedro Pinto, por terem sido minha família em Lisboa, durante o tempo em que morei na cidade. Sem os dois, tudo teria sido bem mais difícil. Sou muito grata pela amizade, companheirismo, disponibilidade e gentileza.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus colegas da turma do Mestrado, especialmente aos meus amigos Manuel Van Hoben e Marina Zan, por toda partilha de conhecimento e experiência. Ter estado em uma turma tão heterogênea ampliou imensamente meus horizontes. Sou grata pelos aprendizados, alegrias e dificuldades que vivemos juntos.



## **Introdução**

Esse trabalho não existiria sem a experiência de ter realizado o mestrado fora do meu país. Foi como estrangeira que pude observar comportamentos que passariam despercebidos se eu estivesse na minha cidade. O papel de estrangeiro nos coloca em permanente estado de alerta, de modo que ficamos mais atentos aos detalhes e disponíveis aos acasos.

Morei aproximadamente um ano em Lisboa, frequentando a Universidade e descortinando a cidade entre uma aula e outra. Coincidência, ou não, fiz parte de uma turma de Mestrado com sete nacionalidades diferentes, ou seja, metade da turma não pertencia ao país onde estudava. Um microcosmo da sociedade global se estampava à minha frente em plena sala de aula.

Esse tempo de convivência com meus colegas estrangeiros foi fundamental para o desenvolvimento desse trabalho e passei a reparar o modo como se relacionavam com o lugar de onde vinham e o lugar onde estavam. Percebi que todos estávamos sintonizados num mesmo espaço entre lugares. Na verdade, não estávamos integralmente em lugar nenhum, nem nas nossas cidades originais, nem na cidade que habitávamos naquele momento. Naturalmente, passei a me questionar qual o lugar da cidade hoje e, mais ainda, qual o nosso lugar na cidade. E esse pensamento acabava sempre migrando para uma reflexão sobre a Internet, um outro lugar, que não existia fisicamente, mas onde era possível encontrar uma sensação de identidade e pertencimento. Tenho consciência que minha pesquisa não faria sentido fora do século XXI, quando a Internet não era essa presença tão viva para todo mundo.

Lembro bem da sensação de me sentir mais afetada por algo que acontecia no meu país do que em Portugal e de, desde sempre, achar estranha essa sensação. Percebi que não era a única a me sentir assim, ao ver que todos os meus colegas estrangeiros também estavam mais a par da situação política, por exemplo, de seus países do que do país que habitávamos naquele momento. Parecia que uma greve em nossos locais de origem nos atingia mais do que uma greve no lugar em que habitávamos. Havia um certo paradoxo nessa circunstância que me provocava reflexão.

Moro na quinta maior cidade do Brasil, em termos de população. No entanto, na minha cidade não temos metro, como em Lisboa. Descobrir e habituar-me à rotina do metro foi fácil e instigante. Fácil, porque tudo é bem sinalizado e regido por uma lógica

quase intuitiva, a partir de um padrão de comportamento uniforme. Instigante porque é muito curioso como pessoas tão diferentes, vindas dos lugares mais diversos, de repente se encontravam e ficavam tão iguais, tão homogêneas em seus gestos e atitudes. Gostava de ficar reparando como parecia que todo aquele movimento era coreografado. Então, calhou de no primeiro semestre de aulas do Mestrado, quando eu estava nesse processo de observação, sermos apresentados ao livro *Não-lugares*, de Marc Augé.

A partir desse livro e da discussão que fizemos sobre ele em sala de aula, passei a analisar meu dia-a-dia em Lisboa sob um outro prisma, ora encaixando as experiências vividas na teoria apresentada pelo livro, ora contrapondo. À obra de Marc Augé somaram-se as leituras de Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman, Richard Sennett e outros tantos autores que trabalham ideias sobre a sociedade contemporânea e globalizada. Graças a eles, passei a nomear e compreender melhor o que via e vivia. Pude concluir que o que reparava sobre o comportamento dos meus colegas estrangeiros não era um fenômeno isolado, mas um padrão de comportamento completamente condizente com as circunstâncias em que estávamos.

Este trabalho nasce como um desdobramento das minhas sensações iniciais sobre a vida na cidade contemporânea, amparadas nos conceitos trabalhados pelos teóricos acima citados. A estrutura da pesquisa foi dividida em três partes.

No primeiro capítulo, construo um traçado cronológico que tem início nas origens da cidade, quando ainda era aldeia ou assentamento permanente, e descamba na cidade contemporânea, nos moldes como a conhecemos. A parte histórica do trabalho é baseada, sobretudo, na obra de Lewis Mumford. Essa análise mais histórica traz uma base importante para a pesquisa, pois demonstra as raízes do que conhecemos, buscando compreender como as cidades foram formadas e se desenvolveram até chegarem ao seu estágio atual. Após o advento da cidade moderna, diversos autores compuseram a pesquisa com seus conceitos de globalização, modernidade e contemporaneidade. Os três conceitos carregam controvérsias em torno de si e assim são tratados. Busquei trabalhar atentamente as terminologias utilizadas, de forma a tornar mais clara a discussão dos temas em questão.

Já a segunda parte da pesquisa se centra no indivíduo, o habitante da cidade contemporânea e suas práticas culturais no tempo e no espaço. Identidade, pertencimento, individualismo e anonimato são as palavras-chave desse tópico, que procura trazer à tona as sensações desconstruídas despertadas pela vida na cidade. O

declínio do homem público se ajusta perfeitamente a uma nova forma de interação, vivenciada no ciberespaço.

Por fim, o terceiro capítulo tenta desbravar a experiência cultural de vida e sociabilidade no ciberespaço. É uma tentativa porque é tudo ainda muito incipiente e instável. Se a globalização apresentou a ideia de um espaço desterritorializado, a internet conseguiu concretizar essa realidade. Trata-se de um mundo que não é palpável, mas que existe de forma muito viva, pleno de possibilidades, potências e devires. Um lugar que anula nossa nacionalidade e nos dá a sensação de pertencer ao planeta. Talvez como se sentiam aqueles nômades que existiam antes da fundação das cidades, vagando pelo mundo, à caça de seus interesses, encontrando indivíduos afins pelo caminho, num movimento fluido e sem raízes num mundo sem fronteiras. No fim, parece que chegaremos ao começo.

É importante destacar que este trabalho, obviamente, não se refere a todas as cidades do mundo. É um recorte que diz respeito às grandes cidades, dotadas de uma identidade imersa nas consequências da globalização e preenchidas pelas novas tecnologias de comunicação e informação. O foco é o que há de semelhante nas grandes cidades, sem desconsiderar que cada uma tem uma geografia e uma história própria, assim como peculiaridades e características identitárias exclusivas.

CAPÍTULO I:  
A CIDADE CONTEMPORÂNEA

## 1. As raízes da cidade contemporânea

Há diversas formas de definir o que é uma cidade, assim como é possível encontrar múltiplas teorias indicando seu marco inicial. No universo de estudos das ciências humanas todas as conjunturas são também interferências e pluralidades. Portanto esta investigação não pretende encontrar uma definição absoluta da cidade contemporânea, mas traçar um apontamento de caminhos possíveis. Numa pesquisa sobre a cidade, parte-se de um problema inicial de definição, uma vez que os conceitos de aldeia, de assentamento permanente e de cidade, propriamente dita, são separados por linhas muito tênues e pouco firmes. Falar da cidade requer lidar com o dinamismo e com a inconstância dogmática e prática que a povoa.

Este trabalho seguirá inicialmente pela trilha construída pelo norte-americano Lewis Mumford, autor da obra *The city in history: its origins, its transformations, and its prospects* (1961). Mumford analisa quatro mil anos de história e num olhar para o passado mais remoto identifica como pedra fundamental para o surgimento da cidade a predisposição humana para a vida social:

Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais. (Mumford: 1998, p. 11)

Para o autor, a cidade surge a partir de um espaço de intersecção de pessoas reunidas e motivadas por uma finalidade em comum, normalmente ligada a um componente mágico ou sagrado. Desses encontros nascem as origens de uma série de lugares que irão se descortinando na medida que as cidades vão se expandindo:

Ao redor de uma sepultura ou de um símbolo pintado, de uma grande pedra ou de um bosque sagrado, encontram-se os primórdios de uma sucessão e instituições cívicas que vão do templo ao observatório astronômico, do teatro à universidade. (Mumford: 1998, p. 16)

Desse modo, verifica-se que o germe da cidade é a existência desse ponto de encontro cerimonial, que dava dinamismo ao lugar. A cidade é, desde sempre, muito mais caracterizada por seus pontos dinâmicos do que pelos estáticos e seu movimento a representa bem mais do que suas residências fixas.

Pouco a pouco, esse território sagrado que acolhia os encontros vai ganhando corpo, aglomerações humanas vão se fixando em seus arredores. Certamente, não era coincidência que esses lugares quase sempre estavam localizados à beira de rios e mares. Essas aglomerações eram formadas pelos coletivos nômades, grupos que migravam de uma região a outra de acordo com a oferta de água e alimento. No movimento de fixação a um lugar, o homem desenvolvia o domínio das técnicas de agricultura e pecuária. Eis, então, a cidade primitiva, ou pré-histórica: uma aglomeração humana permanente, uma pequena povoação ou uma aldeia, quase sempre à beira de rios e mares, de modo a facilitar a obtenção de água e a realização do transporte de cargas.

Já neste momento, merece destaque a construção da relação de vizinhança, peça importante numa análise sociológica e cultural da cidade. O vizinho, nos primórdios de sua existência, era entendido como alguém que participava ativamente da vida do sujeito, morando perto e compartilhando as alegrias e tristezas do cotidiano.

A contemporaneidade estreita a proximidade física dos vizinhos, na medida em que as pessoas encontram-se cada vez mais amontoadas em apartamentos colados um no outro, mas isso não quer dizer que haja o compartilhamento da vida e das experiências, muito pelo contrário. A regra das grandes cidades, como será trabalhado de forma mais aprofundada sequencialmente, é que um vizinho não participe da vida do outro. Não é raro que não se saiba nem mesmo o nome de quem mora a menos de um metro da sua porta.

A ordem e a estabilidade necessárias para a manutenção da cidade já encontrava suas raízes na aldeia, e esse modelo de organização ainda é, de algum modo, parâmetro para as cidades contemporâneas, pois foi transmitido ao longo do tempo, e se complexificando na medida do alargamento das cidades. Há bem pouco tempo, era possível perceber a persistência desse modelo nos bairros ou vizinhanças das grandes cidades.

A aldeia diz respeito a um pequeno agrupamento de famílias, cada qual com seu próprio lar, falando a mesma língua, encontrando-se nos mesmos lugares cerimoniais, seguindo um mesmo modo de vida e participando dos mesmos trabalhos, numa simplificada estrutura social rija e durável. Lewis Mumford afirma que a estrutura da cidade já existia na aldeia:

A estrutura embrionária da cidade já existia na aldeia. Casa, oratório, poço, via pública, ágora – o qual não era ainda um mercado especializado -, tudo isso tomou forma primeiro na aldeia: invenções e diferenciações orgânicas, que aguardavam o momento de serem levadas avante na estrutura mais complexa da cidade. (Mumford: 1998, p. 26)

Para o autor, o aparecimento mesmo da cidade, ou seja, a transformação definitiva da aldeia para a cidade, foi provocado “pelo último grande progresso da revolução agrícola, a domesticação dos cereais e a cultura do arado e da irrigação. O resultado final foi a coalescência do grupo total de instituições e controles que caracterizam a “civilização”.” (Mumford: 1998, p. 28). O surgimento das cidades não aconteceu de uma vez, de forma generalizada, em determinado período de tempo, mas gradualmente, de acordo com um crescimento natural das aldeias, que iam se tornando maiores e mais densas em suas necessidades.

Com a ascensão das cidades, muitas funções, antes dispersas, organizaram-se dentro de uma área limitada e os componentes da comunidade passaram a viver num estado de tensão e interação dinâmica. Desde seu princípio, a cidade apresentava um caráter ambivalente que jamais perdeu por completo:

Combinava a quantidade máxima de proteção com os maiores incentivos à agressividade; oferecia a mais ampla liberdade e diversidade possível, e entretanto impunha um drástico sistema de compulsão e arregimentação que, ao lado da sua agressividade militar e da sua destruição, tornou-se uma “segunda natureza” do homem civilizado e é muitas vezes erroneamente identificado com suas propensões biológicas originais. (Mumford: 1998, p. 56)

As muralhas que protegiam os habitantes da cidade contrastam em sua dureza com uma imagem mais antiga de tranquilidade rural e de paz, presente nas aldeias. Essa característica das aldeias não se perde por completo na estrutura mais complexa, apenas limita-se a um raio de alcance menor, que não abrange mais um todo, apenas partes dele. Uma das grandes diferenças entre a vida na aldeia e a vida na cidade diz respeito à relação do homem com as intempéries da natureza. A aldeia, embora tivesse alcançado uma estabilidade e harmonia interior que a cultura urbana raramente conheceu, estava à mercê das circunstâncias da natureza, podendo ser varrida numa tempestade ou morrer de fome numa seca, sem ser capaz de buscar auxílio mesmo a poucos quilômetros de distância. A cidade, por sua vez, apresentava uma estrutura capaz de lidar de forma mais eficiente com os imprevistos e acasos provocados pela natureza. Se por um lado o

aldeão perdeu seus poderes de autogoverno e a sensação de se achar à vontade num ambiente inteiramente conhecido, ele também foi recompensado com uma segurança e prosperidade que até então não havia conhecido. Portanto, a mudança da aldeia em cidade não foi apenas em tamanho e dimensões, mas de direção e finalidade, fundando realmente um novo tipo de organização. Em torno de 2.500 a.C., todas as características essenciais da cidade já haviam tomado forma:

O recinto murado, a rua, o quarteirão de casas, o mercado, o recinto do templo com seus pátios interiores, o recinto administrativo, o recinto das oficinas – tudo isso existia pelo menos em forma rudimentar; e a própria cidade, como um símbolo estético, completo e poderoso, a ampliar e enriquecer, a potencialidade humana, achava-se visível. A durabilidade dessas instituições e formas é quase tão espantosa quanto a ampla gama de variações às quais se prestaram. (Mumford: 1998, p. 104)

A cidade primitiva ganhou um novo fôlego como pólis grega. A Grécia estampou um formato de lugar em que, mais do que nunca, as pessoas não estavam juntas simplesmente pelo nascimento, mas conscientemente em busca de uma vida melhor. Os números da pólis grega apontam uma impressionante diversidade cultural, já assemelhando-se, portanto, à abertura promovida pelas cidades mais globalizadas de hoje. A figura do comerciante estrangeiro desempenhava papel fundamental no cenário da pólis.

Com o crescimento da população das cidades, a desordenação e a sensação caótica ficavam cada vez mais nítidas, o que maculava a busca grega pelo ideal de beleza e sofisticação, cultivada culturalmente por todos os lados:

A cidade visível, a cidade tangível, era cheia de imperfeições: as desordens do crescimento, as fermentações e secreções da vida, os restos não enterrados de formas superadas, ainda não decentemente removidos, as relíquias de modos rurais ainda não ajustados às contínuas provas e desafios da vida urbana. (Mumford: 1998, p. 177)

O desenvolvimento ocorria, em grande parte, de forma espontânea, irregular, orgânica. Não apenas na Grécia, como também, e de forma mais enfática, em Roma, que conquistou as cidades gregas e remodelou-as a seu modo. Ainda que na Grécia fosse imensa a participação do estrangeiro nas cidades, os direitos eram restritos aos seus cidadãos, que compunham uma minoria populacional. O Império Romano, por sua



vez, descortinou um mundo mais aberto e mais livre, derrubando velhas muralhas e construindo novas cidades sem muralhas internas:

No Império, provavelmente pela primeira vez desde a fundação das cidades, a espécie humana ocidental teve um breve vislumbre do que seria viver num mundo completamente aberto, no qual o direito e a ordem predominavam por toda parte e a cidadania, em todos os sentidos, era a herança humana comum. (Mumford: 1998, p. 227)

O crescimento e desenvolvimento exacerbado fugiram do controle e aos poucos o Império Romano foi se perdendo de si mesmo, se auto-anulando. Gradativamente, a população de Roma e das cidades que colonizara ou governara foi reduzida, as atividades ficaram mais restritas e as pessoas passaram a conviver com a insegurança diante de invasões, contra as quais já não mais podiam se proteger. As estradas que outrora deram à população segurança e riqueza eram as mesmas que posteriormente facilitariam o caminho da conquista bárbara:

Com um exército invasor, um viaduto quebrado, uma série de fracas colheitas locais, a população restante fugia para as colinas. Tudo isso prenunciava o fim do urbanismo romano. (...) Um esconderijo no campo valia um palácio na cidade. (Mumford: 1998, p. 269)

Os feudos, então, surgiram com a força de representarem a tábua de salvação contra os males da cidade. Migrações ocorriam em grande volume rumo a um recanto de abrigo e proteção contra os riscos eminentes provocados pelas invasões bárbaras. Até o século XV, a maioria da população europeia vivia dentro de muralhas, cujos donos, os senhores feudais, detinham o controle de toda atividade realizada em seu interior. Nesse aspecto, a Idade Média se diferencia bastante da Antiguidade, quando o controle dos assentamentos não reprimia, ou mesmo eliminava, as trocas comerciais e as demais dinâmicas da população.

Quando não se recorria ao feudo, recorria-se à Igreja, especialmente, aos mosteiros. As cidades medievais têm origem numa dinâmica completamente estruturada em duas bases: o feudalismo e o poder da Igreja.

O mosteiro e a Igreja atuaram como elementos formadores da cidade medieval. Nesse terreno, negócio e religião caminhavam de mãos atadas. Lewis Mumford (1998) diz que a cidade medieval era uma cidade cristã. A Igreja oferecia uma morada comum, um abrigo universal, despertando a sensação de familiaridade. Numa cultura assinalada

por imensas diversidades, este acolhimento era fundamental. Apegar-se a um mesmo credo, fazer parte de uma mesma ordem, repetir os mesmos gestos, os mesmos ofícios, enfim, seguir uma cultura agregadora estabelecia uma relação de pertencimento e envolvimento. Na busca humana em fazer parte de uma estrutura sólida é que a Igreja crescia e se fortalecia.

Ao mesmo tempo, os vassalos, insatisfeitos com o rígido controle a que eram submetidos nos feudos, encontravam na cidade um lugar aberto para desempenharem suas atividades, sobretudo, artesanais e comerciais, e conquistarem a independência que desejavam resgatar. As cidades passaram, então, a apresentar gradativo crescimento populacional e estrutural.

Por muito tempo, as cidades foram regidas pelo poderio da Igreja. A força dessa instituição foi sendo abalada na medida em que a burguesia e as trocas comerciais foram se amplificando. O poder da Igreja sobre a cidade foi aos poucos sendo substituído pelo poder da economia. Os hábitos da religião foram, pouco a pouco, sendo transferidos para os negócios.

A partir do século XVI e, com maior velocidade e de forma mais voraz, após o século XVIII, verifica-se um processo de demolição de velhas edificações e o apagamento dos campos de jogos, jardins de mercado, pomares e aldeias que se interpunham no caminho do crescimento da cidade. Não importava o quanto pudessem ser importantes os velhos usos, ou o quanto fossem úteis para a existência da própria cidade, eram sacrificados em prol tráfego rápido ou do ganho financeiro. O capitalismo surgiu como uma atividade libertadora e se acreditava que os ganhos privados resvalariam em benefício público:

Muitas das práticas introduzidas pelo capitalismo eram, de fato, salutareis e de proveito permanente para qualquer economia humana; mas o efeito imediato daquele novo sistema, no século XVII, foi transformar a complexa ordem social da cidade nas rotinas ultra-simplificadas do mercado. Seus resultados últimos foram uma economia que procurava fabricar dinheiro e que não tinha fins nem objetivos definíveis, além de sua própria maior expansão. (Mumford: 1998, p. 450)

Quando a forte onda do capitalismo começou a invadir as cidades, os novos empreendedores enxergavam nelas um imenso potencial para seus negócios, encontravam verdadeiros territórios ávidos de investimento. Dentre todas as brascas

mudanças de estrutura e de padrão de comportamento, destaca-se a mudança do conceito de liberdade:

Durante a Idade Média, “liberdade” significava liberdade em relação às restrições feudais, liberdade para as atividades corporativas da municipalidade, a guilda, a ordem religiosa. Nas novas cidades de comércio (...) liberdade significava liberdade das restrições municipais: liberdade para o investimento privado, para o lucro privado e para a acumulação privada, sem qualquer referência ao bem-estar da comunidade como um todo. (Mumford: 1998, p. 450)

O capitalismo reajustou a estrutura da vida urbana, colocando-a numa base impessoal: o dinheiro e o lucro. Na cidade comercial, que se multiplicava por toda a civilização ocidental, a especulação mercadológica, a desintegração social e a desorganização física prosseguiram de mãos dadas. Desde o princípio do século XIX, a cidade deixou de ser tratada como uma instituição pública e passou a ser considerada cada vez mais uma organização comercial privada.

Com o surgimento das grandes metrópoles, a família e as associações de vizinhança foram perdendo a força, se desintegrando. O excesso de habitantes povoando as cidades, a afluência constante de estrangeiros, a falta de limites identificáveis ou de pontos de encontro comuns acabaram afetando as relações e processos estáveis da noção de vida em comunidade.

Ainda assim, não era difícil encontrar nas grandes cidades bairros que pareciam imunes às influências externas, reacendendo um modo de vida praticado nas aldeias, onde se cultivavam hábitos culturais próprios. Esses espaços também ficaram muito conhecidos pelo nome de gueto. Fora desse ambiente, na maior parte da cidade, era vivenciado o alto custo do desligamento de outras pessoas:

O custo desse desligamento de outros homens, no espaço, está fora de toda proporção com os seus benefícios presumidos. O produto final é uma vida encasulada, passada cada vez mais dentro de um automóvel ou dentro de uma câmara escura, ante um aparelho de televisão. (...) É aí que realmente vamos encontrar “A Multidão Solitária”. (Mumford: 1998, p. 553)

Vivencia-se a experiência de uma comunidade dispersa e desagregada. Paradoxalmente, cada um “torna-se prisioneiro graças à própria separação pela qual pagou: é alimentado por uma estreita abertura, um cabo telefônico, uma onda de rádio, um circuito de televisão.”. Entende-se esse fenômeno como “um subproduto orgânico

de uma economia que sacrifica o desenvolvimento humano ao processamento mecânico.” (Mumford: 1998, p. 553)

A cidade passa a oferecer poucas possibilidades de reunião, debate coletivo e ação comum, de modo a favorecer um conformismo silencioso, evitando uma rebelião ou contra-ataque.

Chegou-se a um ponto em que é vital discutir o rumo que as cidades estão tomando. No princípio, existia uma cidade que era, simbolicamente, um mundo; hoje, fala-se de um mundo que se tornou, em muitos aspectos práticos, uma única cidade:

Os sociólogos e economistas que baseiam seus projetos de futura expansão econômica e urbana nas forças que ora estão em operação, projetando apenas aquelas mudanças que possam resultar do aceleração de tais forças, tendem a chegar a uma Megalópolis universal, mecanizada, padronizada, como meta final da evolução urbana. (Mumford: 1998, p. 569)

O século XX trouxe o crescimento e multiplicação das grandes metrópoles, com seu padrão de vida, repetido universalmente, caracterizado pelas erupções de nacionalismo, a aceitação generalizada de marcas tanto comerciais quanto culturais e com a quase exclusão dos produtos locais. Por outro lado, houve o imenso ganho no que tange a difusão da cultura humana, que era praticamente inexistente em outros tempos, quando todas as formas artísticas eram propriedade das instituições que controlavam a cidade.

Nesse processo, percebe-se uma população unificada, homogênea e padronizada de acordo com o molde metropolitano. Enquanto isso, as cidades crescem desprezando sua memória:

A própria cidade torna-se consumível, ou mesmo passível de ser gasta: o recipiente deve transformar-se tão rapidamente quanto o seu conteúdo. Este último imperativo abala a função precípua da cidade como agente da continuidade humana. A memória viva da cidade, que outrora ligava gerações e séculos desaparece: vivem seus habitantes num contínuo auto-aniquilador, de momento a momento. Nem o mais pobre selvagem da Idade da Pedra jamais viveu em comunidade tão pobre e desmoralizada. (Mumford: 1998, p. 588)

A afirmação de Lewis Mumford mostra-se bruscamente radical e, portanto, extremamente aberta à dissidência. Bernard Lepetit é um dos autores que estão

claramente em desacordo desse tipo de percepção extremista sobre o aniquilamento das cidades:

A cidade atual não é construída “sobre” a cidade do século XIX, e esta não se sobrepõe às cidades clássica e medieval. As catedrais góticas, as praças reais, as aberturas de ruas haussmanianas pertencem a nosso espaço e a nosso tempo. Na cidade, elementos oriundos de diferentes épocas se acumulam. (Lepetite: 2001, p. 179)

Lewis Mumford indica que a cidade que surge após a Revolução Industrial sustenta-se numa economia que produz incessantemente automóveis e geladeiras, mas que “não tem motivos para prover obras duráveis de artes, belos jardins ou um lazer sem embaraços e não-consumidor.” (Mumford: 1998, p. 588). A cidade moderna se fundamenta em um princípio central de organização baseado na economia urbana e no desenvolvimento da tecnologia. De acordo com Giuliano Della Pergola:

O seu referencial cultural não são os mitos, nem as utopias, nem mesmo os grandes sistemas religiosos. Os seus paradigmas chamam-se eficiência, integração do território, integração do contexto social, produtividade e rapidez na locomoção. (Pergola: 2000, p. 83)

Chegou-se a uma cidade que cresceu desordenadamente. Uma cidade despatriada. Uma cidade globalizada.

## **2. Da cidade moderna à cidade contemporânea**

O século XVIII, com a Revolução Industrial, trouxe em sua bagagem uma redefinição dos conceitos de velocidade, tempo, trabalho e arquitetura. As necessidades da população da cidade passaram por uma reforma e o planejamento urbano precisou se adequar a uma nova situação. Este é o momento em que se fortalece a prática do comércio interurbano, que ganha proporções extraordinárias no século XX.

A pluralidade e o sincretismo são marcas da sociedade moderna. Características que desabrocharam na modernidade e que na cidade contemporânea se multiplicam. De acordo com o sociólogo brasileiro Renato Ortiz (2003), no final do século XX sedimenta-se um conjunto de fenômenos econômicos, políticos e culturais que transcende as cidades, países e nações. São esses fenômenos que nos permitem falar de “globalização das sociedades” e de “mundialização da cultura”.

Culturalmente, a cidade a partir do século XVIII é chamada de cidade moderna. Esse conceito hoje causa um certo desconforto, pois a cidade já não é mais a mesma. No entanto, ainda se busca uma terminologia adequada, que possa dar conta da realidade contemporânea, que tem em sua bagagem, além de uma Revolução Industrial, uma revolução tecnológica e uma revolução digital, em plena efervescência, que propuseram, e propõem, novas realidades e outros paradigmas.

Cidade moderna, cidade pós-moderna, cidade contemporânea, como definir a cidade de hoje? Que hoje é esse? Segundo Anthony Giddens, “ “Modernidade” refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.” (Giddens: 1991, p. 11). A partir dessa definição, é possível verificar que há um ponto de partida para a modernidade, a questão, então, é definir se há um ponto de chegada, que delimite seu fim.

Ao longo de sua obra, Anthony Giddens levanta uma série de objeções ao termo pós-modernidade, utilizado por muitos autores. Para ele, trabalhar esse conceito passaria a ideia de haver um rompimento com a modernidade, como se os tempos atuais caracterizassem uma nova era, desvinculada de precedência, o que não é o caso. Em acordo com a colocação do autor, está Renato Ortiz:

Nada mais ilusório do que propor a ideia de um mundo “pós”, moderno, industrial, tecnológico. Como se existisse um fosso, uma ruptura radical, um “antes” e um “depois” ordenando a história dos homens. (Ortiz: 2003, p. 17)

O mundo, o tempo, o espaço, é tudo puro dinamismo. Ainda assim, Anthony Giddens insiste numa definição do que seria um possível entendimento da insistida e conclamada pós-modernidade:

Ao que se refere comumente a pós-modernidade? Afora o sentido geral de estar vivendo um período de nítida disparidade do passado, o termo com frequência tem um ou mais dos seguintes significados: descobrimos que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os “fundamentos” preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a “história” é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de “progresso” pode ser plausivelmente defendida; e que uma nova agenda social e política surgiu com a crescente proeminência de preocupações ecológicas e talvez de novos movimentos sociais em geral. (Giddens: 1991, p. 56)

O autor trabalha as mudanças ocorridas na sociedade desde o século XVII, enfatizando que o mundo não é mais o mesmo, mas o entende como consequência, ou seja, como fruto do que a modernidade implementou e não como algo completamente novo e sem raízes. Para caracterizar os tempos mais recentes, Anthony Giddens prefere utilizar o termo “modernidade radicalizada”.

Diversos autores fazem uso de diferentes terminologias para caracterizar os tempos atuais. Marc Augé utiliza o conceito de “sobremodernidade” para qualificar o tempo (anos 90) ao qual o livro *Não-lugares* se refere. Já Gilles Lipovetsky chama esse mesmo período temporal, que vai dos anos 70 aos dias de hoje, de “hipermodernidade”, conceito que pode ser observado em obras como *Os tempos hipermodernos* (2001). Zygmunt Bauman prefere trabalhar com a ideia de “modernidade líquida”. Grande parte dos trabalhos acaba por utilizar a já consolidada, embora ainda posta em xeque, conforme visto anteriormente, terminologia de pós-modernidade. Não há um conceito comum a todos os autores para nomear as últimas décadas, dominadas pela globalização. O que fica claro é que sempre é feita uma relação com a modernidade. Ou seja, é a partir dos horizontes da modernidade que se delineiam as possibilidades e impasses do mundo atual. Não há ainda uma nomenclatura determinada que consiga dar conta desse mundo de certezas escorregadias e fragilizadas.

Utilizamos o termo “contemporâneo” para qualificar o tempo presente, ao qual a pesquisa se refere. A limitação dessa escolha é de que o estudo ficará datado. Afinal o contemporâneo do ano de sua publicação (2013) pode não ser exatamente o contemporâneo de quem o lerá dez, vinte ou trinta anos depois, por exemplo. Mas acredita-se que essa terminologia poderá representar todos os termos supracitados sem comprometer-se com a multiplicidade de (in)definições.

Assim, fica explícito que a cidade sobre a qual este trabalho se debruça é a cidade moderna sob efeito da globalização, um conceito consagrado no final do século XX, por volta dos anos oitenta, para caracterizar um estágio mais maduro e uniforme da transnacionalização econômica, política e social. Termo que acompanha uma mudança de paradigma da sociedade nacional para a sociedade global.

É exatamente devido a essa mudança de paradigma que este trabalho ganha sentido: pensar a cidade de uma forma geral (global) e não individualizada (nacional). Entende-se que é possível falar em cidades contaminadas pela mesma epidemia global, que dilata-se em comportamentos, relacionamentos, informações e formas de estar no mundo muito parecidas por todos os cantos do planeta. Segundo Octavio Ianni, vive-se

um “momento epistemológico fundamental: o paradigma clássico, fundado na reflexão sobre a sociedade nacional, está sendo subsumido formal e realmente pelo novo paradigma, fundado na reflexão sobre a sociedade global.” (Ianni: 1998, p. 191).

Cada vez mais as cidades expandem suas relações e referências, vivenciando realidades internacionais, multinacionais, transnacionais, mundiais, enfim, globais. Isso se dá não apenas nas dimensões macroeconômicas ou políticas, onde os sinais da globalização estão escancaradamente estampados, mas até mesmo em circunstâncias banais do cotidiano do sujeito.

É partindo dessa realidade global que será pensada a cidade contemporânea, cujos desdobramentos serão analisados ao longo deste trabalho.

### **3. A cidade contemporânea e a mundialização da cultura**

Avenidas lotadas, prédios cada vez mais altos, cadeias de supermercados, restaurantes e lojas internacionais, adesivos de *wi-fi* nas portas dos cafés são alguns dos elementos que caracterizam a cidade contemporânea. Não os mais importantes, que fique claro. A experiência cultural vivenciada pelo sujeito diante dos efeitos da globalização e das novas tecnologias de comunicação e informação marcam com muito mais intensidade esse período. Novos e múltiplos fluxos, movimentos, relacionamentos e trocas, amparados pelas tecnologias digitais de interação, configuram uma outra cidade, ou uma nova forma de apropriação da cidade pelo sujeito. E também do sujeito pela cidade.

Na cidade contemporânea dissolvem-se os limites e as linhas retas por uma mobilidade e circulação aceleradas que desenham uma outra dimensão de tempo e de espaço. Já não é a geografia ou o que há de físico, visível e palpável que define o local:

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (Giddens: 1991, p. 29)

Segundo Anthony Giddens, o lugar tornou-se fantasmagórico porque as estruturas que o constituem não são mais organizadas localmente:



O local e o global, em outras palavras, tornaram-se inextricavelmente entrelaçados. Sentimentos de ligação íntima ou identificação com lugares ainda persistem. Mas eles mesmos estão desencaixados: não expressam apenas práticas e envolvimento localmente baseados, mas se encontram também salpicados de influências muito mais distantes. Até a menor das lojas da vizinhança, por exemplo, pode muito bem obter suas mercadorias de todas as partes do mundo. (Giddens: 1991, p. 121)

O autor afirma ainda que o estudo das cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, deve sempre levar em consideração que o que acontece numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores, como dinheiro mundial e mercado de bens, ocorrendo a uma distância indefinida da vizinhança em questão.

Para Gilles Lipovetsky (2011: p. 15), vive-se uma época marcada por uma irresistível corrente de unificação do mundo, designada na França com o termo mundialização e em seu exterior como globalização. Esta dinâmica é identificada pela conjunção de fenômenos econômicos (a liberalização dos mercados num capitalismo planetarizado), de inovações tecnológicas (as novas tecnologias da informação e da comunicação) e de reviravoltas geopolíticas (o desmoronamento do império soviético).

A cultura globalizada descortina possibilidades inéditas, permitindo novas maneiras de viver, novas formas de identificação e de pertença coletivas. Gilles Lipovetsky entende a globalização como uma cultura, uma espécie de hipercultura transnacional, que ele chama de cultura-mundo:

A cultura-mundo coincide, neste sentido, com a «compressão do tempo e do espaço», com a erosão das fronteiras, uma nova experiência da relação entre o aqui e o exterior, o nacional e o internacional, o próximo e o distante, o local e o global. (Lipovetsky: 2011, p. 21)

No âmbito da cultura-mundo, o espaço é reduzido e o tempo é acelerado. Os homens têm a experiência de um mundo único, globalizado, com imensas interdependências, interconexões e interações. A cultura-mundo favorece novas formas de vida, infinitas possibilidades, combinações e relações, que independem da geografia. As mesmas referências reproduzem-se por todos os cantos do planeta.

Segundo Lipovetsky, no mundo globalizado, as diferenças entre as sociedades diminuem, enquanto a diferenciação entre os indivíduos e os estilos de existência aumentam. Fala-se de comportamentos multiculturais e mestiçados. Os sujeitos têm

acesso às mesmas peças em todo mundo, mas estão livres para fazer combinações idiossincráticas e arranjos singulares:

O indivíduo hipermoderno dispõe de um leque de escolhas cada vez maior: utiliza produtos *high-tech*, mas também pode recorrer às medicinas tradicionais, pode ouvir *rap* e entregar-se à astrologia, fazer *jogging* com seu iPod metido nas orelhas e praticar ioga, usar tênis *Nike* mas também as túnicas africanas, consumir *ketchup* e ser adepto das massagens chinesas, do tarot ou da meditação zen. Tudo coabita de uma maneira pletórica num imenso mosaico exuberante e fragmentário de produtos de práticas, de culturas e de memórias históricas diversas.” (Lipovetsky: 2011, p. 83)

Nunca o sujeito teve acesso a tantas e tão diversas informações. Segundo David Harvey (1994: p. 86), não há razão para que o sujeito se restrinja ao presente, ao local, quando se pode viver em épocas e culturas distintas. Para ele, o ecletismo é a evolução natural de uma cultura que tem escolha.

Ao contrário do que se acreditou por muito tempo, a globalização não é simplesmente uma ocidentalização do mundo, mas uma grande mistura de conhecimentos e histórias que se interrelacionam, se dinamizam e se reinventam. As alteridades das culturas se fundem construindo uma cultura mundializada, em que todos podem ter acesso a tudo:

Um processo de individualização que, não poupando mais nenhum recanto do planeta, dissolve cada vez mais a alteridade das culturas em benefício de uma modernização cultural universal. Não é um planeta dividido em civilizações fechadas umas às outras que se dispõe, mas uma mundialização da cultura da individualidade, da sua autonomia e dos seus direitos. (Lipovetsky: 2011, p. 75)

O que está em andamento não é uma unificação cultural mundial, mas “versões múltiplas de uma mesma cultura-mundo assente no capitalismo e na tecnociência, no individualismo e no consumismo.” (Lipovetsky: 2011, p. 84). Na esfera dessa individualização, potencializada pela mundialização, não se descartam os laços culturais que constituem o sujeito. De algum modo, a origem, a língua e a história do indivíduo modelam seu estilo de vida, sua maneira de ser e de sentir.

Habita-se um tempo em que o capitalismo impõe sua lei à vida econômica, a arquitetura das megalópoles apresenta imensas semelhanças, o estilo de vestir internacional propaga-se, as técnicas de produção e de comunicação são idênticas e, por fim, os modos de existência andam cada vez mais individualizados. Nesse âmbito, a

relação do indivíduo com os lugares habitados é de cada vez mais fluidez e menos enraizamento:

A característica da modernidade é a mobilidade – da força de trabalho, dos indivíduos, das informações, das mercadorias -, o que nos exige repensar a metáfora da raiz, frequente no debate sobre as identidades culturais. Toda raiz requer um solo para se fixar. Ela é o contrário da fluidez. O enraizamento é fruto da existência de uma cultura cujo território encontra-se cartografado. No mundo contemporâneo, este postulado não é mais satisfatório. Os indivíduos possuem certamente referências, mas não propriamente raízes, que os fixam fisicamente no *milieu*, que balizam o caminhar de seu movimento. (Ortiz: 2004, p. 69)

O desenraizamento é uma condição da contemporaneidade, a expressão de um outro território. A sociedade de hoje vivencia uma territorialidade desenraizada. Num mundo de fronteiras dilatadas, por obra e graça da globalização, percebe-se o alastramento de uma cultura transnacional e uma desterritorialização do modo de ser, estar, agir e interagir. Sobre a relação espaço e tempo ao longo da história, Anthony Giddens afirma que:

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela ‘presença’ – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. (Giddens: 1991, p. 26).

Vive-se um tempo num espaço de características indefinidas ou repetitivas. Relaciona-se com ausências no campo físico. Como indica Zygmunt Bauman, o sujeito situa-se materialmente na cidade, mas social e espiritualmente encontra-se fora dela. (Bauman: 2006, p. 35). Já no século XIX, Alexis de Tocqueville demonstrou que em meio à multidão os sujeitos estavam recolhidos em seus cantos, ignorando o lugar habitado:

A espécie humana resume-se para eles, aos filhos e aos amigos particulares; quanto aos seus outros concidadãos, estão ao seu lado mas nem os vê; toca-os e nem os sente; só existe em si próprio e para si próprio; ainda tem família, mas a Pátria já não existe para ele. (Tocqueville: 2008, p. 260)

Hoje em dia, percebe-se de forma mais ampla a diluição do conceito de Pátria. A perda da força das grandes instituições que direcionavam as arestas do sujeito, sejam as tradições nacionalistas, religiosas ou mesmo familiares, levou o indivíduo a uma condição de fragilidade nunca antes experimentada. Vive-se um excesso de autonomia e uma ausência de certezas. Estabelece-se uma desorientação cultural.

Alexis de Tocqueville escreveu o texto citado no início do século XIX e percebe-se hoje, início do século XXI, que suas impressões acerca da multidão nas cidades denotam uma realidade que se alarga exponencialmente. Se naquele momento já era possível enxergar um desligamento do sujeito a um conceito de Pátria, com a globalização e o entendimento de uma cultura transnacional, esse desligamento amplificou-se.

Inaugura-se o sujeito desterritorializado, que brinca entre culturas flutuantes e cada vez mais mestiçadas, habitando cenários culturais e de informação globalizados, de modo que “familiaridade e lugar estão muito menos consistentemente vinculados do que já estiveram” (Giddens: 1991, p. 154). Nessa perspectiva, Zygmunt Bauman indica que os habitantes da cidade “mostram-se indiferentes aos assuntos da sua cidade, que não é mais do que uma entre tantas outras, um ponto minúsculo e insignificante do ponto de vista estratégico do ciberespaço, que, por muito virtual que seja, é o seu verdadeiro domicílio” (Bauman: 2006, p. 24).

A visão de Zygmunt Bauman é bastante radicalizada e extremada do conceito de lugar fantasmagórico que Anthony Giddens identificou. Trata-se de uma afirmação que sugere a investigação dos efeitos da tecnologia sobre a cidade. Nesse sentido, é cada vez mais comum a utilização do termo cibercidades para significar a cidade contemporânea. De acordo com André Lemos (2004):

Cibercidade é a cidade contemporânea e todas as cidades contemporâneas estão se transformando em cibercidades. Podemos entender por cibercidades as cidades nas quais a infraestrutura de telecomunicações e tecnologias digitais já é uma realidade. (Lemos: 2004, p. 19)

O espaço virtual nutre no sujeito a expectativa de isolá-lo dos possíveis perigos da metrópole, na medida em que permite a realização de diversas atividades, e mesmo sociabilidades, que prescindem da necessidade da presença, oferecendo ainda experiências ricas em fluidez e abrangência. As cibercidades reconfiguram a ideia de

deslocamento e buscam aprimorar ferramentas que facilitem a vida do sujeito na cidade contemporânea.

Para Zygmunt Bauman, esse tipo de facilidade acaba por fazer com que cada vez mais existam, em todo o mundo, casas que servem apenas para proteger seus moradores, e não para integrar as pessoas na zona onde residem. A segregação agrava-se à medida que os residentes alargam à esfera internacional o âmbito das suas comunicações:

A ruptura dos donos do ciberespaço com os seus antigos compromissos para com o *populus* do lugar, bem como a distância cada vez maior entre o mundo dos emancipados e o daqueles que ficaram para trás, representa sem dúvida a novidade mais importante de ordem social, cultural e política no que se refere à transição da modernidade sólida para a líquida. (Bauman: 2006, p. 24)

Essa ruptura indicada por Zygmunt Bauman, antes mesmo da efusiva existência do ciberespaço, que potencializa a desterritorialização num nível jamais imaginado, já podia ser sentida, em menor grau, e de forma mais física, dentro dos espaços intitulados por Marc Augé de não-lugares.

#### **4. Os não-lugares na cidade contemporânea**

Em 1992, o antropólogo francês Marc Augé publicou uma obra fundamental para os estudos da contemporaneidade intitulada *Não-lugares*, com o propósito de dedicar um olhar antropológico e uma reflexão renovada para o mundo contemporâneo, ou da “sobremodernidade”, termo que ele prefere utilizar ao longo de seu trabalho.

Para Marc Augé, o mundo da sobremodernidade não tem as medidas exatas do que cremos viver, simplesmente porque a vivência é de um mundo que ainda não aprendemos a olhar. Tudo acontece de forma acelerada e em excesso, de modo que é preciso reaprender a pensar o espaço (Augé: 2009, p. 34).

O autor identifica, então, um espaço característico da contemporaneidade, ao qual intitula de não-lugar. O entendimento desse conceito perpassa pela noção antropológica de lugar, já que nasce justamente da oposição deste:

Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é que a sobremodernidade é produtora de não-lugares, quer

dizer de espaços que não são eles próprios lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelaireana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam nela uma área circunscrita e específica. (Augé: 2009, p. 67)

Os aeroportos, as vias rápidas, os grandes centros comerciais, as cadeias internacionais de fast food e de hotelaria, os meios de transporte público são exemplos de não-lugares. Todos eles são espaços constituídos em relação com certos fins (transporte, trânsito, comércio) e, ao mesmo tempo, dispensam relação entre seus ocupantes. Os não-lugares compõem um mundo “prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”. (Augé: 2009, p. 67)

No livro *As Cidades Invisíveis*, Italo Calvino cria um grande mosaico de cidades sonhadas e narradas pelo personagem Marco Polo. Dentre elas, destaca-se uma cidade muito parecida com a noção de cidade contemporânea, globalizada e permeada de não-lugares, conforme fomos caracterizando nas páginas anteriores. A cidade chama-se *Trude*:

Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. Os subúrbios que me fizeram atravessar não eram diferentes dos da cidade anterior, com as mesmas casas amarelinhas e verdinhas. Seguindo as mesmas flechas, andava-se em volta dos mesmos canteiros das mesmas praças. As ruas do centro exibiam mercadorias embalagens rótulos que não variam em nada. Era a primeira vez que eu vinha a Trude, mas já conhecia o hotel em que por acaso me hospedei; já tinha ouvido e dito os mesmos diálogos com os compradores e vendedores de sucata; terminara outros dias iguais àquele olhando através dos mesmos copos os mesmos umbigos ondulantes.

Por que vir a Trude, perguntava-me. E sentia vontade de partir.

- Pode partir quando quiser – disseram-me -, mas você chegará a uma outra Trude, igual ponto por ponto; o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome no aeroporto. (Calvino: 2003, p. 123)

Há uma grande ambiguidade quando se fala de não-lugares, pois ao mesmo tempo que são ambientes que transmitem uma sensação de familiaridade, na medida em que possuem condutas bem definidas e conhecidas por seus ocupantes, não permitem que seu usuário se sinta relaxado e confortável, pois são espaços construídos para uma ocupação utilitária e breve.

Hervé Juvin, numa visão da contemporaneidade um tanto pessimista, faz uma leitura sobre as grandes cidades muito parecida com a *Trude* que Italo Calvino imaginou. Para ele, as cidades, numa dimensão planetária, tornaram-se idênticas e sem identidade própria:

As viagens multiplicam-se entre lugares sempre idênticos, dramaticamente cada vez mais idênticos. Agitamo-nos freneticamente para ir a qualquer parte que nunca seja outro lugar, já não há outro lugar. (Juvin: 2011, p. 137)

O entendimento de Hervé Juvin é que se vive num universo sem exterior, pois o fato de habitar uma sociedade que se quer mundial está em desacordo com práticas diferenciadas. Assim, é possível afirmar que, para o autor, os lugares da cidade tornaram-se não-lugares, caracterizados pela falta de identidade.

Os não-lugares amparam dinâmicas que repetem-se identicamente por todo o mundo. Seus ocupantes homogeneizam-se em coreografias que repetem movimentos acelerados e semelhantes. Estabelecem-se condições de circulação em que os indivíduos não precisam interagir uns com os outros. Sabe-se exatamente como agir e o que fazer nesses espaços. Há uma contratualidade solitária e uma cartilha silenciosa de padrão de conduta, inteligível independente da nacionalidade ou língua falada pelo sujeito. Zygmunt Bauman afirma sobre o padrão de conduta dos indivíduos nos não-lugares:

Quaisquer que sejam suas outras diferenças, deverão seguir os mesmos padrões de conduta: e as pistas que disparam o padrão uniforme de conduta devem ser legíveis por todos eles, independente das línguas que preferam, ou que costumem utilizar em seus afazeres diários. O que quer que aconteça nesses ‘não-lugares’: todos devem sentir-se como se estivessem em casa, mas ninguém deve se comportar como se verdadeiramente em casa. (Bauman: 2001, p. 119)

Dentro dos não-lugares, os ocupantes, ou usuários, encontram a sensação reconfortante de pertencimento, devido à ausência de diferença. Dentro desses espaços, instantaneamente, ocorre a utopia de uma igualdade de condições. O problema é que essa igualdade desenvolve-se não por um reconhecimento e respeito do valor e da subjetividade do outro, mas por um anonimato e desinteresse generalizados. Os indivíduos não se veem como uma coletividade de iguais, mas como uma coletividade de estrangeiros. O sujeito no não-lugar está sempre cercado de muita gente, ao mesmo tempo que está só.

#### 4.1. Diversidade vs homogeneidade

Os novos estudos de cultura na contemporaneidade rebatem com veemência as ideias de homogeneização que costumeiramente relacionam-se, embora com cada vez menos frequência, às consequências sociais da globalização. Neste momento, um conceito-chave da contemporaneidade é o de diversidade, em detrimento da utilização desenfreada da palavra homogeneidade.

Dentro desse contexto, percebe-se algumas mudanças sociais no sentido de valorização da diversidade. Uma grande mudança está acontecendo justamente com os não-lugares, que vêm passando por reforma nos últimos anos para que se tornem palco de exibição de diversidade, de identidade e de construção de sentido, descaracterizando, ou mesmo contrariando, assim, a teoria de Marc Augé.

A partir de dois exemplos ilustrativos de não-lugares, Metro de Lisboa e *Mc Donalds*, serão demonstradas experiências reais do modo como esses espaços de ausência de identidade se reinventaram propondo uma outra espécie de relação entre ambiente e ocupante. Os lugares tornam-se mais aprazíveis e humanizados.

O Metro de Lisboa, já há alguns anos, transformou suas estações em galerias de arte, ao expor de forma permanente em seus espaços intervenções de artistas contemporâneos de renome. De modo que, além de desempenhar um papel utilitário, suas estações atuam como cenário de manifestação e fruição cultural.

Através de um projeto intitulado *Arte no Metro*<sup>1</sup>, a empresa responsável por esse transporte público em Lisboa entende que os espaços de serviço público devem levar sempre em consideração seu papel sociocultural. A preocupação estética é entendida como uma proposta fundamental, não somente por uma opção do estético pelo estético, mas como forma de vitalização artístico-cultural.

A propagação da arte dentro desses espaços tem, de forma óbvia, um papel sensibilizador e educador, que é próprio da arte, e acaba também por alcançar um resultado positivo de dissuasão contra o vandalismo e a violência. Com essa iniciativa, o Metro não apenas cumpre uma função de contribuição para a melhoria da qualidade de vida na cidade, mas cria uma identidade própria e desvincula-se um pouco da aspereza que costumeiramente circunscreve um não-lugar.

---

<sup>1</sup> Informação disponível no website <http://www.metrolisboa.pt/metro/a-arte-no-metro/> consultado em junho/2012.



Já no caso da cadeia de *fast food* *Mc Donalds*, a grande mudança ocorreu quando as lanchonetes passaram a demonstrar uma preocupação com a cultura do local onde estavam inseridas. Inicialmente, o *Mc Donalds* surgiu com a proposta de funcionar exatamente com o mesmo formato e produtos em todas as partes do mundo, levando ao consumidor a ideia de familiaridade e padronização. Nos últimos anos, observa-se o surgimento de produtos que absorvem os hábitos tradicionais dos países em que a empresa está presente. Por exemplo, exclusivamente em Portugal, é comercializado um produto intitulado como *Mc Lusitano*, produzido com ingredientes que fazem parte dos hábitos e gostos locais. Assim como o *Mc Lusitano*, o *sundae* de doce de ovos é um outro atrativo do cardápio apenas encontrado em terras portuguesas.

Gilles Lipovetsky chamou a atenção para a comercialização feita pelo *Mc Donalds* de *menus* adaptados aos hábitos e gostos locais. Para o autor, esse fenômeno denota o poder das afirmações identitárias. Ele acredita que as forças transnacionais “suscitem por reação a valorização da diferença e da identidade nacional, a fixação ao território e à memória como maneira de afirmação de si.” (Lipovetsky: 2011, p. 84).

Essa nova roupagem dos não-lugares desperta uma outra leitura da obra de Marc Augé. Ao que parece os efeitos da globalização do início dos anos 90 do século passado já não são mais os mesmos. O caminho que tendia para uma uniformização mundial tem-se colocado cada vez mais fértil para as sementes da diversidade, para a exaltação da cultura local.

Especialmente nos últimos anos, é possível reparar que os espaços públicos vêm desenvolvendo caminhos para tornarem-se menos opacos e mais humanizados. Percebe-se nas grandes cidades um movimento das políticas públicas no sentido de trabalhar projetos que tenham como objetivo transformar as ruas, ou vias públicas de acesso, de uma forma geral, em espaços identitários e ressignificados diante do sujeito, deixando de ser apenas não-lugares para a passagem acelerada, desatenciosa e desinteressada.

Um grande exemplo disso é o modo como a arte urbana, antes vista como periférica e marginalizada, vem sendo acolhida pelos setores que pensam a cultura dentro das cidades. O *graffiti* é certamente o maior representante desse fenômeno e tem estampado cada vez mais paredes no espaço público das cidades globalizadas.

Inicialmente subversiva e arredia às instâncias e aos trâmites do exercício do poder e da autoridade, a arte urbana vem sendo incorporada à cidade e reconhecida como via de renovação e atração para os espaços públicos.

A arte dos *graffiti* já é valorizada como registro criativo de uma geração. Seus principais artistas viajam por todo o mundo modificando o concreto das cidades e atraindo curiosos que estejam a fim de desvendar as novas formas que estampam as cidades. Criadores anteriormente relegados às circunstâncias de marginalidade, hoje estão completamente absorvidos pelo mercado da arte e costumeiramente expõem seu trabalho também nas paredes sacralizadas dos museus.

A revitalização do espaço público vem mostrando-se cada vez mais urgente para um resgate da saudável convivência das pessoas com a cidade e com seus concidadãos. Numa corrente de migração para os espaços virtuais, a renovação do espaço público como atmosfera criativa, provocativa e estética torna-se essencial para a construção de uma cidade mais acolhedora, de lugares permeados de memória e identidade no lugar de uma geografia de não-lugares.

**CAPÍTULO II:**  
**VIVENDO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA**

## **1. Vivendo na cidade contemporânea**

Se durante muito tempo o homem obrigatoriamente adequava-se ao meio, hoje essa premissa inverteu-se e, cada vez mais, é o meio que se adequa e se adapta às necessidades do homem. E este, embora seja constantemente percebido como parte de uma multidão, destaca-se em seu individualismo, isolamento e anonimato.

Os grandes conglomerados urbanos contemporâneos são compostos por uma densa massa de pessoas que ocupa praticamente o mesmo lugar no espaço, sem necessariamente promover relação com os demais e com o ambiente em sua volta.

Os vagões dos metros das grandes cidades em hora de ponta quase subvertem a lei da física que diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. No entanto, tanta proximidade física, paradoxalmente, gera imenso distanciamento. As pessoas que aparentemente formam uma grande massa homogênea estão, na verdade, vivenciando nessa situação toda sua individualidade e indiferença ao entorno, cada qual está absorta em sua própria existência, em seu telemóvel, em seu fone de ouvido, em seu computador portátil conectado à Internet.

Nativos e estrangeiros da cidade se misturam e confundem o olhar do observador. Dentro da cultura da transnacionalidade e das infinitas possibilidades de arranjos idiossincráticos, não se sabe mais quem é quem, ou quem vem de onde. São todos estranhos anônimos.

A identidade cultural do sujeito deixa de ser como uma impressão digital intransferível e, assim como a sensação de pertencimento, torna-se maleável, adaptável, mesmo passível de reinvenção, como indica Bauman:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (Bauman: 2005, p. 17, grifo do autor)

A identidade contemporânea está mais ligada às escolhas e afinidades eleitas pelo sujeito do que a alguma forma de determinismo geográfico ou de proximidade. Essas escolhas são possíveis a partir da liberdade e autonomia conquistada por ele junto à multiplicidade e diversidade que a contemporaneidade oferece. Este momento imprime uma identidade descentrada, ou seja, deslocada ou fragmentada:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall: 2000, p. 13)

Segundo Stuart Hall, a contemporaneidade é marcada por uma “crise de identidade”, que é parte de um processo mais amplo de mudança. As estruturas e os processos centrais das sociedades modernas estão sendo constantemente alterados e as referências abaladas. De modo que os indivíduos perderam “uma ancoragem estável no mundo social.” (Hall: 2000, p. 7)

Legalmente, as identidades nacionais permanecem firmes especialmente no que diz respeito às questões relacionadas aos direitos legais e à cidadania, mas as identidades comunitárias e localizadas, por sua vez, têm demonstrado maior relevância na vida do indivíduo. Culturalmente, as identificações globais começam a dissolver as identidades nacionais:

À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (Hall: 2000, p. 74)

A vida social vai se tornando cada vez mais mediada pelo mercado global de estilos, lugares, imagens, pelos símbolos da mídia e pelos sistemas de comunicação mundialmente interligados, no mesmo ritmo as identidades vão se desvinculando de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, adquirindo, assim, uma essência mais fluida e menos rígida.

## **2. A migração na contemporaneidade: a construção de cidades multiétnicas**

Como foi observado na primeira parte deste trabalho, a migração sempre foi um elemento característico das cidades. No atual processo de integração global, esse fenômeno é vivenciado de forma intensificada e acelerada. Para Anthony Giddens, “os padrões migratórios globais podem ser vistos como um reflexo das rápidas mudanças nos laços econômicos, políticos e culturais entre os países.” (Giddens: 2012, p. 467)

A dinâmica dos movimentos migratórios aumenta a diversidade étnica e cultural das cidades. E por acontecer de forma tão abrangente, é hoje uma eminente questão política, na medida em que impõe uma nova visão do conceito de cidadania.

Anthony Giddens (2012, p. 469) identifica quatro modelos de migração para descrever os principais movimentos populacionais globais desde 1945, são eles: o modelo clássico, o modelo colonial de imigração, o modelo dos trabalhadores convidados e o modelo ilegal.

O modelo clássico da migração se estabeleceu em países como o Canadá, os Estados Unidos e a Austrália, que se desenvolveram como nações de imigrantes. A imigração é incentivada junto à promessa de cidadania. O modelo colonial de imigração, por sua vez, pode ser percebido em países como a França e o Reino Unido, que tendem a favorecer imigrantes de suas antigas colônias. Em países como a Alemanha, a Suíça e a Bélgica, vivencia-se de forma mais enfática o modelo dos trabalhadores convidados, em que os imigrantes são aceitos no país para satisfazer demandas do mercado de trabalho. Por fim, há as formas ilegais de imigração, que vêm se tornando cada vez mais comuns, como fruto do endurecimento nas leis de imigração em muitos países industrializados. Os imigrantes vivem ilegalmente fora da sociedade oficial, sem qualquer direito reconhecido.

Esse é um parâmetro bem generalizado e os países citados são apenas exemplos ilustrativos. Uma das grandes quebras de paradigma da globalização é a dissolução da dicotomia entre países que enviam imigrantes e países que os recebem. Na dinâmica global, os países enviam e recebem ao mesmo tempo.

Por trás da migração global estão as condições que provocam esse fenômeno, os fatores de repulsão e atração. Os fatores de repulsão estão ligados ao que há de negativo e insatisfatório dentro da dinâmica do país de origem, que leva as pessoas a emigrarem. Já os fatores de atração são os aspectos positivos dos países de destino, que atraem os imigrantes, em geral, são os mercados de trabalho prósperos e as melhores condições de vida. Na prática, a migração não se desenvolve de forma simplista, mas como parte de um processo complexo e multifacetado.

Efetivamente, a globalização influencia e potencializa os padrões de migração reestruturando as sociedades. A mobilidade faz parte do processo contemporâneo de desenvolvimento econômico e não se pode pensar nas grandes cidades sem levar em consideração quem lá chega e quem de lá sai.

Pessoas, junto com ideias e mercadorias, fluem através das fronteiras intensificando as cidades multiétnicas. Mais do que nunca, os indivíduos têm oportunidade de conhecer e se relacionar com pessoas que pensam diferente e que possuem costumes diversos.

### **3. A individualidade na cidade contemporânea**

Na modernidade, as relações deixaram de ser mais coletivas, para se estabelecerem de forma mais individualista. De acordo com a definição de Tocqueville:

O individualismo é um sentimento consciente e tranquilo, que leva cada cidadão a isolar-se da massa dos seus semelhantes, e a afastar-se, com a família e os amigos. O homem constitui assim à sua volta, uma pequena sociedade, para seu uso, e deixa voluntariamente de se interessar pela grande sociedade propriamente dita. (Tocqueville: 2008, p. 209)

Não se pode afirmar com certeza se primeiro foi o cidadão quem deixou de se interessar pela grande sociedade ou se seu desinteresse é apenas reflexo de uma sociedade que, em multidão, pressupõe a diluição das individualidades:

Aí está uma conotação surpreendente da modernidade, na época da globalização: o declínio do indivíduo. Ele próprio, singular e coletivamente, produz e reproduz as condições materiais e espirituais da sua subordinação e eventual dissolução. A mesma fábrica da sociedade global, em que se insere e que ajuda a criar e recriar continuamente, torna-se o cenário em que desaparece. (Ianni: 1998, p. 20)

A multidão das grandes cidades é composta por elementos heterogêneos e seus integrantes não estão ligados por qualquer vínculo social mais profundo. Daí, então, seu caráter transitório. O agrupamento se faz, se desfaz e se refaz sempre com novos conteúdos (integrantes) mas dentro de uma mesma forma:

Ela possui uma “alma colectiva” porque seus membros agem em conjunto, mas é incapaz de gerar uma “consciência coletiva”. Os que dela participam são desconhecidos uns para os outros, nada os aproxima, tradição, valores, laços familiares, ideologia ou crença. Ela propicia um comportamento irracional e emocional. (...) entre o gesto inicial do “condutor das multidões” e a sua repetição, quase autômata pelos participantes de uma aglomeração, não existe nenhuma mediação de consciência. As particularidades de cada um se encontrariam anuladas pela coerção do todo. (Ortiz: 2003, p. 101)

Desse modo, o indivíduo em sociedade abafa suas pulsões internas e passa a responder automaticamente aos sistemas simbólicos definidos pela ordem social. Assim, os espaços públicos das grandes cidades são lugares de muita gente e ao mesmo tempo, paradoxalmente, de anonimato e isolamento, palco de transeuntes que apressam o passo e preservam seu ensimesmamento. Segundo Stuart Hall (2000, p. 32), estamos diante da figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.

Apesar das fartas oportunidades de interação que as grandes cidades têm para oferecer, “muitas pessoas as consideram locais solitários e inóspitos.” (Giddens: 2012, p. 157). Para o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, que trabalhou os efeitos da vida na cidade sobre os vínculos sociais, o processo de urbanização, que aflorou junto com a Revolução Industrial, alterou a vida social de maneira irremediável. Os vínculos comunitários, ou seja, aqueles baseados em laços íntimos e tradicionais, relacionamentos pessoais e estáveis entre vizinhos e amigos entraram em extinção, sendo substituídos pelos vínculos associativos, de caráter efêmero e transitório. Para o autor, a comunidade é a convivência permanente e autêntica, enquanto a sociedade é passageira e aparente. A sociedade é permeada por pessoas que, assim como na comunidade, vivem pacificamente lado a lado, estando, no entanto, separadas na essência. “Enquanto que em comunidade permanecem unidas apesar de todas as separações, em sociedade estão separadas apesar de tudo o que as une.” (Tönnies, in Cruz: 2010, p. 515).

Ferdinand Tönnies afirma que em sociedade, cada um está só e em estado de tensão contra todos os restantes:

O que aqui se passa é que cada um está só e em estado de tensão contra todos os restantes. Os domínios da actividade e poder individuais estão demarcados uns dos outros com toda a precisão, de modo que se podem recusar contactos ou influências entre si, logo encarados como hostilidades. Uma tal actividade negativa é a relação normal subjacente a estes sujeitos de poder, afirmando-se uns contra os outros. Ela caracteriza a sociedade no seu estado de repouso. (Tönnies, in Cruz: 2010, p. 515)

Georg Simmel foi um contemporâneo de Ferdinand Tönnies que trabalhou a ideia de que a cidade molda a “vida mental” de seus habitantes. Em sua obra *A metrópole e a vida mental*, Simmel afirma que a vida na cidade bombardeia a mente com uma multiplicidade de imagens, impressões, atividades e sensações, intensificando



os estímulos nervosos e contrastando profundamente com o ritmo de vida das cidades pequenas. O autor afirma que “o século XVIII conclamou o homem a que se libertasse de todas as dependências históricas quanto ao Estado e à religião, à moral e à economia.” (Simmel: 1973, p. 11), ou seja, desvinculou-se de suas referências. Dentro desse contexto e diante dos excessos da cidade, a pessoa sente-se solitária e perdida. Como forma de proteção, os habitantes da cidade passaram a assumir uma postura de indiferença e desinteresse, a qual o autor chama de atitude *blasè*:

Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, como é o caso dos débeis mentais, mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância. Elas aparecem à pessoa *blasè* num tom uniformemente plano e fosco. (Simmel: 1973, p. 16)

A multidão metropolitana estampa essa atitude de forma intensificada, as pessoas que a compõem, embora em extrema proximidade física e estreiteza de espaço, estão desconectadas, distantes emocionalmente umas das outras. As interações são percebidas como frias, levando a sentimentos de impessoalidade e mesmo de isolamento.

Não raramente ouve-se falar da associação entre sociedade contemporânea e esvaziamento dos espaços públicos. Não se trata apenas de um esvaziamento literal, que nem sempre é possível. Muito maior é o esvaziamento subjetivo, que provém da indiferença do sujeito com seu entorno.

As cidades são lugares cheios de desconhecidos convivendo em estreita proximidade e são nos lugares públicos que essa afirmação se consolida:

O espaço será público sempre que os homens e as mulheres a ele tenham acesso, sendo provável que o usem sem selecção preliminar. Quando não sejam exigidas autorizações, nem haja registo de quem entra e quem sai. Por conseguinte, a presença no espaço público deverá ser anónima, o que torna inevitável que as pessoas que nele se encontram não se conheçam entre si, nem sejam conhecidas pelos encarregados do espaço em questão. Os espaços públicos são lugares onde os desconhecidos convergem e, desse modo, condensam e resumem os traços característicos da vida urbana. É nos espaços públicos que a vida urbana, e tudo o que a diferencia de outros tipos de existência colectiva, alcança a sua expressão máxima, juntamente com as suas alegrias e tristezas proverbiais, as suas antecipações e as suas esperanças. (Bauman: 2006, p. 67)

A violência das grandes cidades, o individualismo gritante, o medo do desconhecido, a epidemia da indiferença, as redes sociais *online* compõem algumas das razões atribuídas para problematizar o distanciamento do sujeito do espaço público. Esse afastamento priva o sujeito de vivenciar a interação social e a ebulição cultural que as metrópoles podem proporcionar a partir da convivência de seus múltiplos elementos de diversidade. O espaço público é, por excelência, o local mais aberto e democrático para as manifestações culturais e sociais. Segundo Zygmunt Bauman, a vida na cidade é uma experiência que desperta sensações desconstruídas:

Atrai e repele ao mesmo tempo, e, para complicar ainda mais a existência de seus habitantes, são os mesmos aspectos dessa vida que atraem e repelem, ora intermitente, ora simultaneamente... A desconcertante variedade do meio urbano é uma fonte de medos (sobretudo, para os que perderam o norte por se verem mergulhados num estado de incerteza aguda, efeito da instabilidade que nos trouxe a globalização). O mesmo fulgor de caleidoscópio da paisagem urbana, onde nunca faltam novidades e surpresas, determina a maldição irresistível das cidades e o seu poder de sedução.” (Bauman: 2006, p. 43)

A cidade não consegue fugir do paradoxo de que os mesmos motivos causam reações tão incompatíveis. A concentração de desconhecidos nos espaços públicos atua como um repelente na medida que provoca medo e ensimesmamento. O desconhecido desperta a angústia do imprevisível e personifica, assim, o risco. Ao mesmo tempo é um ímã que atrai ininterruptamente indivíduos fartos da monotonia provinciana das cidades pequenas, cansados da uniformidade cotidiana.

Zygmunt Bauman utiliza os termos *mixofilia* e *mixofobia* para nomear as reações opostas provocadas pela vida na cidade. O primeiro representa a atração, ao passo que o segundo intitula a reação a um conjunto de sintomas que gera repulsão. Para o autor, “a cidade provoca *mixofilia* e, ao mesmo tempo, *mixofobia*. A vida urbana é um assunto que provoca, intrínseca e irremediavelmente, emoções opostas.” (Bauman: 2006, p. 43).

Entender o conceito de *mixofilia* é mais fácil, pois está diretamente associado às possibilidades múltiplas de pessoas, elementos, cores, luzes, mestiçagem, ebulição e potencialidades que habitam os espaços públicos das grandes cidades. É uma atração pelo que há de mais vivo, colorido, chamativo e apaixonante nas cidades.

Já a *mixofobia*, segundo Zygmunt Bauman, é uma reação previsível e generalizada perante a variedade de tipos humanos e costumes que coexistem nas ruas das grandes cidades contemporâneas. Para muitas pessoas, essa diversidade, também

entendida como terreno do desconhecimento, é arrepiante e aflitiva. Esse fenômeno, que tende a alastrar-se com a globalização, acaba por gerar comportamentos segregacionistas e de recolhimento à vida privada:

À medida que o multilinguismo e a diversidade cultural do meio urbano que caracterizam a globalização se vão estabelecendo – e trata-se de um fenômeno que, em vez de declinar, decerto se intensificará com o tempo –, as tensões resultantes da perturbante estranheza da situação continuarão a provocar, com toda a probabilidade, impulsos segregacionistas.” (Bauman: 2006, p. 40)

Nesse sentido, Zygmunt Bauman indica que atualmente as construções mais alardeadas pelo marketing imobiliário das grandes cidades são aquelas que prometem afastar ao máximo o sujeito do espaço público. Na verdade, não se fala em afastamento, mas em proteção do sujeito perante as incertezas da vida pública. Constroem-se espaços que equivalem às torres e às muralhas das cidades antigas, mas que no lugar de defender a cidade de um inimigo externo, serve para afastar seus habitantes, defendendo-os uns dos outros:

As construções mais inovadoras, publicitadas com orgulho e profusamente imitadas, são os «espaços vetados» [*interdictory spaces*], «destinados a interceptar, repelir ou filtrar possíveis intrusos». Falando claro, a finalidade dos referidos espaços não é senão dividir, segregar e excluir; e, de modo algum, a de construir pontes, acessos e lugares de encontro que facilitem a comunicação e aproximem os habitantes da cidade. (Bauman: 2006, p. 38)

Esse tipo de construção manifesta o medo dos habitantes das cidades de misturar-se e, conseqüentemente, leva à desintegração cada vez maior da vida comunitária. Torna-se urgente um olhar cuidadoso dos arquitetos, urbanistas e, especialmente, dos poderes públicos responsáveis pela administração das cidades no sentido de tomarem medidas que minimizem as reações de *mixofobia*. O problema é que em muitos casos percebe-se que os lugares públicos da cidade, neste momento, também parecem rendidos a uma cartografia do medo e da intimidação. Segundo Zygmunt Bauman (2006: p. 61), os lugares públicos vêm se transformando em zonas vigiadas e controladas a todas as horas, numa constante inventividade que parece não ter limites, como bancos em parques dotados de aspersores para impedir o vandalismo ou mesmo a retirada de bancos em outros casos para impedir que as pessoas sentem.

Assim, verifica-se que não apenas o sujeito com medo do desconhecido afasta-se do espaço público da cidade, mas a própria cidade cria mecanismos que provocam o afastamento do sujeito. Esse tipo de ação tem como objetivo evitar a violência urbana e minimizar a insegurança, mas acaba por conter também a espontaneidade, a flexibilidade e as surpresas da cidade, que nascem da criatividade e da troca do convívio social. Para Zygmunt Bauman, “o que se substitui à insegurança não é o êxtase da calma, mas a maldição do tédio.” (Bauman: 2006, p. 65).

Transformar a rica experiência da cidade numa experiência de tédio é um risco que as cidades não podem correr. E nesse sentido, são muito bem-sucedidas as iniciativas de apoio e valorização da arte urbana, conforme dito anteriormente. Por isso, o espaço público é caracterizado por rituais de discurso, vestuário e comportamento próprios, sempre dinâmicos, surpreendentes e diferentes do que acontece na vida privada. Não é rara a associação da imagem do homem público à figura do ator, representando um papel especialmente composto para a atuação na esfera pública.

Essa associação remete, especialmente, ao século XVIII, quando, de acordo com Gilberto Dupas (2003), a vida social era percebida como uma experiência teatral, estética e lúdica, como em *La comédie humaine*, de Balzac. Já no século XIX, essa dinâmica foi alterada, com a emergência da sociedade do espetáculo e do consumo. A figura do ator passou a ser substituída pela figura do *voyeur*, um sujeito passivo que se retira do espaço público, preferindo observar a participar.

Na cidade contemporânea de vivências aceleradas e atropeladas, o espaço público é preenchido pelo anonimato e pela indiferença. Richard Sennett fala no *Declínio do homem público*. O teatro do espaço público adquire outra conotação, passa do coletivo ao individual. Vivencia-se isoladamente monólogos silenciosos e rituais para evitar o contato e a relação com os demais passantes:

Rituais com os quais os estranhos que estão em ruas apinhadas se fornecem mutuamente pistas de afirmação que deixam cada pessoa, ao mesmo tempo, em isolamento. A pessoa baixa os olhos, ao invés de olhar diretamente para um estranho, para assegurar-lhe de que ela é inofensiva; a pessoa se engaja nos balés pedestres para sair do caminho dos outros, de modo que cada pessoa terá uma verdadeira ala por onde andar. Se precisar falar com um estranho, ela começa por pedir desculpas, e assim por diante. Este comportamento pode ser observado até mesmo nas multidões mais descontraídas, como nos acontecimentos esportivos ou nas reuniões políticas. (Sennett: 1988, p. 364)

O anonimato é a sombra do homem contemporâneo ao atravessar o espaço público. O sujeito se veste e se comporta para passar despercebido. E com o auxílio de dispositivos tecnológicos, o entorno pode se tornar ainda mais ignorado:

Com os fones de ouvido devidamente ajustados, exibimos nossa indiferença em relação à rua em que caminhamos, não mais precisando de uma etiqueta rebuscada. Ligados no celular, desligamo-nos da vida. A proximidade física não se choca mais com a distância espiritual. (Bauman: 2005, p. 33)

Há de se fazer uma ressalva à colocação de Bauman acima exposta, o telefone celular não desliga o sujeito da vida, conforme o autor indicou, mas do espaço público. Os dispositivos tecnológicos facilitam relações que não são físicas, nem são geográficas, mas que podem ser as mais importantes e determinantes para o sujeito. No momento em que o sujeito opta por se relacionar através da mediação de um aparelho celular, ele demonstra que o que está fora de cena é mais forte e mais vivo para ele do que as informações que giram em seu entorno. A experiência coletiva de ocupação do espaço público é realizada pelo sujeito de forma mecânica e automatizada, a experiência que o interessa é vivenciada com o suporte da tecnologia.

No meio do desencontro e do desencaixe experimentados na multidão, o sujeito tende a procurar ilhas onde possa cultivar a sensação de identificação e, assim, manter-se a salvo do mar de diversidade e indiferença. De acordo com Zygmunt Bauman: “A atracção exercida pela comunidade de semelhantes é a de uma apólice de seguros contra os múltiplos perigos acarretados pela vida de todos os dias num mundo multilingue.” (Bauman: 2006, p. 41).

Essas ilhas, que constituem metaforicamente a dimensão privada do viver, costumam se referir direta ou indiretamente às estruturas familiares, tidas por muito tempo como o marco básico da vida do indivíduo. Nem sempre isso é verdade. O sujeito desterritorializado é também o sujeito livre para a construção de seus laços, baseados em afinidades. Segundo Gilles Lipovetsky: “As antigas sociabilidades de proximidade desagregam-se, mas é em benefício de relações sociais escolhidas e temporárias de acordo com uma cultura de indivíduos que se reconhecem como livres.” (Lipovetsky: 2011, p. 220).

Os indivíduos migram para a vida privada como único lugar onde podem se refugiar do desconforto da vida pública. O conceito de casa se alarga na mesma medida em que as relações de vizinhança enfraquecem. Mas esse fenômeno, de acordo com

Gilles Lipovetsky, “não se deve a um crescente confinamento doméstico, mas a uma «sociabilidade alargada» mais seletiva, mais efêmera, mais emocional” (Lipovetsky, 2007, p. 124). E nessa história, as novas tecnologia de comunicação e informação, especialmente, a Internet, possuem grande responsabilidade.

Jamais seria possível se referir à Internet como meio de rompimento de sociabilidade, talvez, no máximo, em diminuição da sociabilidade de forma física. Mas não deixa de ser grave pensar a perda dos processos de interação social e vivência comunitária que se concretizam espontaneamente no espaço público. O encontro com o desconhecido e o terreno não familiar têm função positiva na vida do indivíduo, na medida em que enriquece suas percepções, amplia suas experiências e contrasta suas verdades estabelecidas.

#### **4. Do enraizamento dinâmico à interação no ciberespaço**

Michel Maffesoli é um sociólogo francês que percebe a contemporaneidade com um otimismo inédito até aqui. O autor afirma que vivencia-se hoje um momento positivo de possibilidade de cultivo do acaso e da emoção, em detrimento da supremacia da razão e das normas. Um tempo de respeito à ambiguidade e à polissemia da vida, que não era permitido na modernidade, quando o indivíduo tinha sua vida e sua ação funcionando segundo uma lógica de identidade. A contemporaneidade permite que a pessoa experimente sua ambivalência estrutural, “o fato de que ela não se resume a uma simples identidade, mas que desempenha papéis diversos através de identificações múltiplas.” (Maffesoli: 2001, p. 78). Para o autor, ao mesmo tempo em que o sujeito aspira à estabilidade das coisas, à permanência das relações, à continuidade das instituições, ele deseja o movimento, busca a novidade do sentimento, discorda do que parece muito estabelecido. A partir dessa premissa, Michel Maffesoli desenvolve seu conceito de “enraizamento dinâmico”:

Trata-se no caso de uma bipolaridade, especificando da melhor forma o antagonismo paradoxal de toda existência. Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir desse lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente. (Maffesoli: 2001, p. 79)

A modernidade, sustentada pela ideologia individualista, era caracterizada por um fechamento e ensimesmamento do sujeito e, conseqüentemente, do espaço, “o que se concretizou em diversos campos de concentração, ou nas sociedades assépticas.” (Maffesoli: 2001, p. 82). O exacerbamento do território individual, paradoxalmente, ultrapassa a lógica da identidade própria do indivíduo, de modo a remeter a uma sociedade uniforme e unificada. Em contraponto, o terreno da contemporaneidade é flutuante, nebuloso, quase imaterial:

É isso que, na esteira dos surrealistas, os “situacionistas” dos anos 60 tinham percebido muito bem praticando o que chamavam a deriva urbana ou a “psicogeografia”. A cidade era, desde então, um terreno de aventura, em que o lúdico e o onírico tinham um lugar especial. Aventura que era um modo de viver experiências de toda ordem, de suscitar encontros, de fazer da existência uma espécie de obra de arte. A deriva numa cidade, vivida em grupo ou por alguém sozinho, permitia, já se vê, explorar um espaço determinado, espaço esse confrontado com possíveis e múltiplas estranhezas. (Maffesoli: 2001, p. 88)

Para Michel Maffesoli (2001, p. 90) o habitante das megalópoles é um “nômade de gênero novo”. Um errante, que reveste-se de uma aparência específica e desempenha um papel de acordo com essa aparência, depois assume outra aparência e desempenha um outro papel. A cidade oferece ao sujeito a possibilidade de viver a multiplicidade de seres que a habitam, ou seja, a possibilidade de estar, ao mesmo tempo, aqui e em outro lugar.

Chamar a cidade contemporânea de selva de pedras é a caracterizar não apenas por sua hostilidade, mistério e impenetrabilidade, mas também reacender que há nela alguma coisa de matricial, de primordial, e além de tudo, de labiríntica. Nesse âmbito, é um paradoxo o sujeito querer-se uniformizado. Não há sociedade racional, ou mesmo racionalista, que possa eliminar o indefinido, a subjetividade e a sensibilidade, ou melhor, a pluralidade da pessoa. Os comportamentos racionais, não contraditórios, próprios da modernidade, não cabem nessa pluralidade:

Há um “alma desconhecida” no seio de cada indivíduo, mas também no seio do conjunto social. Quer dizer que o “eu” tem uma infinidade de facetas, assim como a sociedade não é mais que uma sucessão de potencialidades. (Maffesoli: 2001, p. 113)

A sociedade desenraizada alimenta a vida errante, de identidades múltiplas e até mesmo contraditórias. Os arranjos bem comportados de organização das sociedades são

constantemente questionados ou reinventados. Ao contrário de Marc Augé, que vê as passagens como não-lugares, ou lugares sem identidade, Michel Maffesoli vê as passagens como espaços de pluralidade, de errância, de derivas, de possíveis aventuras de todos os gêneros. Para o autor, nas cidades contemporâneas, a existência não está mais centrada a partir de uma identidade, de uma residência, de um apego ideológico ou profissional, mas volta à errância, que torna a ser um ponto de partida:

Daí a impressão de contínua efervescência característica das grandes cidades. Efervescência comercial essencialmente, mas também efervescência cultural, esportiva. “Animação” permanente, superficial em relação a muita coisa, mas dando ênfase ao aspecto sequencial da existência, fazendo de cada instante um momento em si, fazendo com que as histórias vividas no dia-a-dia substituam o linearismo de uma História muito segura de si. Em resumo, a aventura é um terreno onde tudo é possível, onde as diversas facetas da pessoa podem se exprimir em um mundo ele próprio plural e policentrado. (Maffesoli: 2001, p. 113)

O sentimento de pertencimento passa a ser menos social ou nacional do que tribal. Cada um é sempre um estranho para o outro. E a justaposição dessas estranhezas constitui o mosaico da sociabilidade contemporânea, ou como prefere Michel Maffesoli, pós-moderna. A realidade é sincretista e feita de cruzamentos mestiços. As maneiras de ser e de pensar se exercem em todas as direções, concretizando o policulturalismo próprio das grandes cidades contemporâneas.

Para Michel Maffesoli, essa sociedade após a modernidade reencontra com a sociedade pré-moderna, promovendo o nomadismo e a consequente reintegração social por afinidade. O que se vive hoje caminha muito mais para um lugar parecido com a sociedade de tribos e nômades do que para uma cidade moderna asséptica.

A sociedade contemporânea é permeada de uma interação constante com indivíduos desconhecidos, mesmo, jamais vistos. O correio eletrônico, as mensagens instantâneas e as comunicações virtuais se tornaram realidade no cotidiano de muitas pessoas nas grandes cidades.

O conceito de comunidade foi redefinido e a noção de lugar físico para encontros e relações se tornou dispensável. Surgem as comunidades virtuais propondo relações que independem do lugar de nascimento ou de morada, dispensam a presença material, são desterritorializadas e fomentadas por afinidades. De acordo com Pierre Lévy:



Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem de coerção. Apesar de ‘não-presente’, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. (Lévy: 1996, 20)

Zygmunt Bauman afirma, apoiado em Clifford Stoll, a dificuldade do homem contemporâneo em estabelecer relações espontâneas e coloca um contraponto à afirmação de Lévy, indicando que as comunidades virtuais são apenas simulacros. (Bauman: 2005, p. 31)

Mas mesmo que se pense nas comunidades virtuais como simulacros, elas constituem uma realidade importante para o homem contemporâneo. Ainda que se fale de um conceito de identidade remodelado para o lugar virtual, este, em comparação com os não-lugares, acaba por ser o ambiente em que o sujeito pode estabelecer sua identidade, qualquer que seja ela, e desenvolver relações. São nessas comunidades virtuais que os estranhos anônimos da cidade podem se relacionar. Esse ambiente, ainda que volátil, é um refúgio para a identificação numa contemporaneidade de laços líquidos, utilizando a denominação tão cara a Zygmunt Bauman. De acordo com o próprio autor, “Em geral, os indivíduos voltam-se para a sua vida privada como o único lugar onde esperam construir um lar no meio do desconforto e deslocamento universais”. (Bauman: 2007, p. 106).

As comunidades virtuais ampliam o conceito de lar. Especialmente, no caso do estrangeiro, cujo lar costuma estar em outro lugar que não na morada em que habita<sup>2</sup>. Ao lar, muitas vezes, somente é possível chegar ao conectar-se à Internet, quando, então, se tecem relações com as pessoas caras e afins ao sujeito, através das inúmeras formas de comunicação disponíveis na grande rede mundial de computadores.

Na obra em que trata de forma mais aprofundada da questão da identidade, Bauman traça um histórico, desde o século XIX, citando os trabalhos de Georg Simmel, Charles Buadelaire, Michel Foucault e Erving Goffman, para mostrar que o indivíduo não buscava identificação e relação na cidade, mas na segurança do seu lar ou local de trabalho:

---

<sup>2</sup> Entende-se haver uma distinção entre casa e lar. Por casa, percebemos o espaço físico habitado. Por lar, um lugar onde se constroem referências subjetivas, relações e afeto.

Os vagabundos urbanos de Simmel, como posteriormente os flâneurs de Baudelaire/Foucault e os praticantes da arte da desatenção civil de Goffman, não perambulavam pelas ruas da cidade em busca de uma comunidade com a qual pudessem se identificar. A corporificação comunal da identidade, contudo, os “alguéns” que “os desejavam e precisavam deles”, e aos quais retribuía esses sentimentos, estavam esperando por eles, sedentários e de certa forma prontos para servirem e serem usados, no abrigo seguro de seus lares ou locais de trabalho. (Bauman: 2005, p. 32)

Percebe-se que o homem individualista público e o homem comunitário privado constituem duas faces de uma mesma moeda. O sujeito contemporâneo não abre mão da sociabilidade, desde que esta aconteça em seus termos. As comunidades virtuais permitem uma imensa sociabilidade a partir de teias definidas pelo indivíduo. É ele quem estabelece as pontes, as fronteiras e a população de sua pequena sociedade. O sujeito constrói sua cidade particular e é nela que habita quando não está cumprindo funções nos não-lugares. A cidade do sujeito existe, mas apenas ele e os seus conseguem percebê-la.

Não se sabe o que virá dessas novas construções, tampouco do individualismo excessivo das grandes cidades. Richard Senett faz uma advertência:

Multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com as suas emoções particulares; esta preocupação tem demonstrado ser mais uma armadilha do que uma libertação. (Senett: 1998, 17)

Ainda não se sabe se as comunidades virtuais são o melhor meio de se relacionar, de se produzir uma identidade. Talvez essas comunidades levem a um processo de retribalização deslocado do espaço físico. Ainda não se tem resposta, se tem, no máximo, tentativas e experimentos. O sujeito contemporâneo é cobaia desse mundo de fronteiras dilatadas e excesso de informação.

**CAPÍTULO III:**  
**VIVENDO NA ERA DIGITAL**

## 1. Vivendo na era digital

Um aparelho eletrônico, que pode caber na palma da mão, conectado à Internet e o sujeito tem o mundo ao seu alcance. Poderia ser uma frase de efeito para a publicidade, mas é a realidade do homem contemporâneo. Ilustraremos um dia possível e aleatório, que poderia encaixar-se facilmente na rotina de grande parte dos atores sociais que circulam nas ruas das grandes cidades. Pela manhã, um e-mail alerta que há contas a vencer naquele dia, junto ao e-mail, a fatura vem como um arquivo em anexo. O sujeito acessa o endereço eletrônico de seu banco e realiza a transação de pagamento em alguns cliques, sem espera ou filas a enfrentar. Depois, lembra que necessita de uma feira de alimentos e de limpeza para sua casa, acessa o endereço eletrônico do supermercado, escolhe os produtos que deseja e agenda o horário que melhor lhe convém para que a empresa entregue os produtos em sua morada. Banco e supermercados resolvidos em quinze minutos e sem sair de casa. Um ponto a mais para a produtividade. Um ponto a menos para a sociabilidade. Enquanto segue para o trabalho, em trânsito, entre uma estação e outra do metro, acessa suas redes sociais na Internet, onde mantém contato com velhos amigos, combina algum encontro para o fim de semana e verifica as atualizações. Ao chegar ao trabalho, acessa o endereço eletrônico dos principais jornais, já pré-selecionados em seu histórico de navegação, e lê as notícias do dia. Para ficar ainda mais atualizado, entra no *twitter*<sup>3</sup> e verifica as informações do momento, colocadas na rede por um time de autores selecionados por ele. Nesse “ambiente”, o sujeito é o editor do seu jornal particular, composto pelas mais diversas autorias, determinadas por ele como relevantes à sua *timeline*<sup>4</sup>. Do seu irmão mais novo ao seu artista preferido, do grafiteiro ao Presidente da República, todas as opiniões coexistem na mesma hierarquia dentro desse espaço em que cada autor de página é caracterizado por uma arroba. Para aproveitar a visita ao *twitter*, o sujeito também dá voz aos seus pensamentos, produzindo alguma notícia e saindo da posição de receptor para a de emissor.

Na sociedade em rede, só se mantém passivo quem quer. Independente da importância do assunto, qualquer pessoa tem espaço para falar o que quiser. Na hora de

---

<sup>3</sup> *Twitter* é uma rede social, que permite aos usuários o envio e recebimento de atualizações pessoais de contatos por ele selecionados, em textos de até 140 caracteres, conhecidos como “*tweets*”.

<sup>4</sup> A *timeline* (ou linha do tempo) é um termo utilizado no *twitter* para descrever uma sequência de *tweets* recebidos e listados em tempo real. Esta lista é uma sequência com todas as mensagens escritas por aqueles que o usuário optou por seguir.

trabalhar, percebe que a maior parte das ações é mediada por um computador ligado a redes. Uma pessoa chega a sentir que sua presença naquele recinto não é assim tão fundamental, pois a rede poderia ser acessada de sua casa e o trabalho realizado da mesma forma. No fim do dia, volta para casa, no caminho entre uma estação e outra, ele passa mais uma vez no *twitter* para se atualizar das últimas, afinal, nessa plataforma, as notícias, relevantes ou não, se renovam a cada piscar de olhos. Ao chegar, acessa o endereço eletrônico do restaurante preferido, circula os olhos no cardápio virtual e escolhe seu jantar, que chegará nos próximos quinze minutos, sem a necessidade de falar com qualquer atendente. Acessa o *skype*<sup>5</sup> para se comunicar com sua família que mora em outro país, acompanha a rotina da família através de vídeoconferência. Antes de dormir, faz *download* de um filme e assiste no próprio computador. Mais um dia como tantos, vividos na sociedade em rede, preenchido pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

## **2. O sujeito e a vida *online* na contemporaneidade**

Tudo ainda é novo e se renova o tempo todo. As pessoas parecem já não se impressionar com as novidades que materializam o que parecia impossível pouco tempo antes. Há dez anos, quem poderia imaginar que teria acesso às ruas do mundo inteiro mapeadas por fotos de satélite e à disposição nos aparelhos de telefone portáteis? E, mais ainda, imaginar que poderia ter acesso a esse serviço de graça?

Parece não haver nada que possa ser comparado, do ponto de vista da experiência cultural humana, ao surgimento do ciberespaço na sociedade. De acordo com Pierre Lévy, o ciberespaço é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, manifestando propriedades novas, que fazem dele “um precioso instrumento de coordenação não-hierárquica, de sinergização rápida das inteligências, de troca de conhecimentos, de navegação nos saberes e de autocriação deliberada nos coletivos inteligentes”. (Lévy: 1996, p. 117). A cada dia, formas inéditas de colaboração e interação são experimentadas. Os telefones com conexão à Internet, cada vez mais presentes na vida das pessoas, são mais poderosos do que a maioria dos computadores de dez anos atrás. O ritmo das mudanças é vertiginoso.

---

<sup>5</sup> Software grátis disponível na Internet para comunicação de voz e vídeo entre seus usuários conectados simultaneamente.

Os números da era digital são impressionantes. De acordo com Tom Chatfield (2012, p. 12), em apenas duas décadas, a Internet já superou a marca de 2 bilhões de pessoas conectadas desde sua abertura ao público. Além disso, apenas três décadas separam o lançamento do primeiro sistema comercial de celular até a conexão de mais de 5 bilhões de usuários ativos. Presume-se que essa rede global inteligente deverá, em breve, conectar os indivíduos não apenas a outras pessoas, mas aos objetos do dia-a-dia – de carros e roupas a comidas e bebidas. Por meio de chips inteligentes e bancos de dados centralizados, vivencia-se uma forma de conexão sem precedentes, não apenas uns com os outros, mas com o mundo construído em volta: suas ferramentas, seus espaços compartilhados, seus padrões de ação e reação.

A informação e a infraestrutura que compõem a Internet representam, cada vez mais fortemente, uma nova força econômica e social. Enquanto isso, o universo intelectual e legislativo corre na tentativa de alcançar e acompanhar as questões do presente. Em termos geracionais, parece haver uma longa distância entre os que nasceram em meio à era digital e os que nasceram antes.

É preciso exercitar o aprendizado e a adaptação para aproveitar intensamente as crescentes possibilidades dos dias de hoje. Descobrir essas possibilidades é como descobrir uma nova cidade. Para um contingente cada vez maior de pessoas, o mundo digital atual é um lugar onde lazer e trabalho estão interligados, uma arena onde estão disponíveis amizades, notícias, negócios, compras, pesquisas, política, jogos, finanças e muitas outras atividades. O desafio é, a partir daí, enfrentar questões de identidade, privacidade, comunicação, atenção e o equilíbrio entre a vida *online* e *offline*:

No filme *A rede social*, do roteirista americano Aaron Sorkin, o cantor Justin Timberlake, que interpreta o primeiro presidente do Facebook, Sean Parker, diz: “Primeiro vivíamos em vilarejos, depois em cidades e agora vivemos na internet”. O Parker da ficção está correto. O mundo que estamos criando é como um vilarejo pré-industrial – só que, agora, ele existe numa pequena escala iluminada global. A todo lugar que vamos *on-line*, somos vistos e acompanhados por anunciantes, pelo governo, pelos outros. (Keen, 2012, p. 110)

Tom Chatfield (2012, p. 20) afirma que gradualmente o conceito de “computador pessoal” passa a ser substituído pelo chamado “computador íntimo”, representando um novo nível de integração de tecnologias digitais às nossas vidas. O

desktop em casa ou laptop na mochila pouco a pouco cedem lugar para o *smartphone* ou *tablet* nas mãos, ligados e conectados o tempo todo.

É perceptível nos cafés e em outros espaços públicos, a relação das pessoas com seus aparelhos digitais, a quem dedicam a mesma atenção antes reservada a alguém. Para as novas gerações, ou indivíduos altamente conectados, o telefone celular é a primeira coisa que se pega ao acordar, pela manhã, e a última a largar à noite, antes de dormir.

Todas as tecnologias afetam o comportamento à medida que são utilizadas. Segundo Marshall McLuhan (1996), primeiro o homem molda as ferramentas, mas logo em seguida é moldado por elas. A construção das cidades e civilizações, conforme visto no primeiro capítulo deste trabalho, está diretamente relacionada ao desenvolvimento das tecnologias agrícolas. A refrigeração libertou o homem do modo de vida diário de caçadas. As tecnologias de transporte alteraram a mobilidade e, logo, desenvolveram novas relações com o espaço e o tempo. O ser humano é uma criatura tecnológica, faz parte de sua natureza ampliar a si e ao mundo, indo além dos limites e se adaptando.

Nessa mesma perspectiva, roupas e armas são desenvolvidas para ampliar a capacidade do corpo e existem ainda as tecnologias intelectuais, que permitem ao homem desenvolver a mente. A invenção da escrita e da cartografia são exemplos de ferramentas que aumentam a percepção do mundo, a capacidade de aprendizado e de comunicação. Dentre todas essas tecnologias, os computadores são únicos, pois, de acordo com Tom Chatfield, “são a primeira mídia genuinamente universal: mecanismos cuja flexibilidade é praticamente ilimitada.” (2012, p. 24). Um computador é capaz de simular qualquer mídia:

Instalando-se o programa adequado, é possível reproduzir sons, vídeos, imagens e textos à vontade – e estes podem ser enviados e recebidos a uma fração insignificante do custo e do tempo que uma operação semelhante exigia no passado. Pela primeira vez, todas as nossas necessidades de mídia e de comunicação – na verdade, todas as tecnologias intelectuais presentes em nossa vida – podem ser supridas por um único sistema integrado. (Chatfield: 2012, p. 24)

Um dispositivo digital conectado à internet possibilita um universo inteiro de sons, palavras e imagens nas pontas dos dedos. Em casa ou na rua, é possível ter acesso a qualquer coisa, incluindo serviços interativos, como jogos e lojas virtuais, de um modo que nenhuma mídia era capaz de oferecer antes.

Até pouco tempo, o poder das tecnologias que ampliam a capacidade mental esteve limitado pela natureza física da realidade. Essa realidade, tão nova e já tão incorporada, nos acostumou à ideia de difusão de informação ilimitada, de modo que é inevitável a resignação diante do fato de que há muito mais informação à disposição do que jamais será possível absorver. A informação digital segue crescendo de forma exponencial. Segundo dados apresentados por Tom Chatfield (2012, p. 26), em 2008 havia aproximadamente um trilhão de páginas na internet. Três anos depois, se tornou impossível estimar um número, mas ele deve estar na casa de muitos trilhões. Cerca de centenas de bilhões de livros foram publicados em quinhentos anos, desde a invenção da prensa, se forem consideradas todas as línguas e todas as edições. Esse volume de informação representa menos de um mês do conteúdo que está sendo carregado na internet atualmente.

### **3. Internet e nova economia**

Atualmente, as principais atividades econômicas, sociais, políticas e culturais de todo o planeta estão se estruturando através da Internet e de outras redes informáticas. Vivencia-se um período de rápidas mudanças sociais, que não conseguem ser devidamente acompanhadas pelo mundo da investigação acadêmica. Conforme afirma Manuel Castells:

Como acontece frequentemente em períodos de rápidas mudanças sociais, aproveitando esse vazio relativo de investigações fiáveis, a ideologia e os rumores têm permeado a nossa compreensão desta dimensão fundamental das nossas vidas. (Castells: 2007, p. 17)

Portanto, muito do que é falado sobre este momento não pode ser tomado como definitivo, mas como um registro instantâneo, passível de metamorfose. As análises sobre a ampla propagação da internet, que embora seja um fenômeno recente, já é completamente incorporado à vida do sujeito, oscilam entre pólos opostos, que vão de uma expectativa de futuro extraordinário à denúncia de possíveis efeitos alienantes. É comum encontrar esse sentimento ambivalente sobre a Internet.

Se a Internet for encarada como uma grande cidade sem fronteiras, suas bases já se diferenciam bastante dos alicerces da cidade moderna, construída numa lógica capitalista, de ganho financeiro. Esse terreno mais livre em que a Internet surgiu é



determinante para a compreensão do modo como ela se estabeleceu, e se estabelece, na vida dos indivíduos.

Embora a Internet tenha sua origem fora do mundo empresarial, ela surgiu numa sociedade dominada pelas empresas privadas, portanto não é surpreendente que tenha sido rapidamente apropriada por elas, provocando grandes transformações nas práticas empresariais, tanto na relação com os fornecedores e clientes, como na gestão e no processo de produção. Segundo Manuel Castells (2007), o uso apropriado da Internet converteu-se numa fonte fundamental de produtividade e competitividade para todo tipo de empresas.

A Internet foi difundida rapidamente pelo mundo empresarial durante os anos 90, pois representava o instrumento apropriado para as empresas mais competitivas, que já trabalhavam com uma rede estratificada de produtores e fornecedores espalhados por todo o mundo. Esse modelo de empresa-rede foi bastante impulsionado pela Internet, inicialmente experimentado, principalmente, pela indústria tecnológica, hoje se encontra expandido para todos os setores de atividade. Os bancos também passaram por alterações, é difícil encontrar atualmente um que não tenha seu sistema *online*, oferecendo aos clientes a possibilidade de tramitar suas contas e efetuar pagamentos eletrônicos através de qualquer dispositivo conectado à Internet.

Embora para a rede não haja obstáculos entre o local e o global, a grande chave da nova forma de fazer negócios se chama personalização, ou seja o produto é adequado ao consumidor individual. Isto é alcançado através da interação *online* personalizada e, especialmente, graças à automatização do perfil incorporada no modelo de transações *online*, que permite às empresas responder às preferências específicas do consumidor. Sem dúvida, trata-se de um método eficaz para a publicidade e as vendas, na medida em que estabelece uma base de dados dinâmica para a adaptação do produto ao cliente e vice-versa. O problema é que essa automatização do perfil gera sérias questões sobre a privacidade e os direitos do consumidor.

#### **4. O sujeito e a mídia social na era digital**

Vivencia-se um tempo em que todas as pessoas se tornaram capazes de publicar abertamente suas opiniões. Basta procurar qualquer assunto na Internet e é possível se deparar com uma vastidão de informação sobre os mais variados temas. Praticamente tudo tem seu lugar na Internet e ao alcance do mundo inteiro. Constitui-se o que

Andrew Kenn (2009, p. 31) qualifica como crise de autoridade, ou seja, a possibilidade de transição num mesmo espaço tanto do banal quanto do profundo. E, na maioria das vezes, o que concentra a maior atenção é o que estiver na posição mais fácil de digerir.

Já não é recente a preocupação acerca da democratização na Internet. Para Andrew Keen, a dissolução das linhas entre público e autor, fato e ficção, invenção e realidade obscurece ainda mais a objetividade. “O culto do amador tornou cada vez mais difícil determinar a diferença entre leitor e escritor, artista e relações públicas, arte e publicidade, amador e especialista.” (Keen, 2009, p.30). Como resultado disso, o autor constata o declínio da qualidade e da confiabilidade das informações recebidas.

Essa crítica cultural normalmente vem acompanhada do argumento econômico acerca das dificuldades por que passam as empresas de mídia tradicional diante das tecnologias digitais:

Graças a produtos pirateados, notícias gratuitas nos blogs, rádio gratuito fornecido pelos podcasters, e classificados gratuitos na Craigslist, nossas indústrias de mídia e fornecedores de conteúdo de todos os tipos – rádio, televisão, jornal, as empresas de cinema – estão em declínio. (Keen: 2009, p. 112)

Os conceitos de conteúdo aberto e gratuito comumente associados à internet, cada vez mais passam a ser questionados. Enquanto as empresas de mídia tradicional ainda não conseguiram encontrar seu lucro na era digital, há outras empresas, como o *Google*, que fazem do compartilhamento de informação de todos os usuários do planeta a matéria-prima gratuita para obtenção de seu imenso lucro:

O âmago do negócio do Google, 99% de sua receita, reside na venda de publicidade. De fato, dos 16 bilhões gastos por todas as indústrias com publicidade online em 2006, estima-se que 4 bilhões, colossais 25%, foram para o Google. Na verdade, Larry Page e Sergei Brin, os multibilionários fundadores do Google, são os verdadeiros plutocratas da Web 2.0 – eles descobriram como transformar o conteúdo gratuito de outras pessoas numa máquina publicitária de muitos bilhões de dólares. (Keen: 2009, p. 129)

Mas ao mesmo tempo em que a emergência das mídias digitais provocou danos imensos à mídia tradicional e a alguns pressupostos culturais, ela despertou possibilidades inéditas de se pensar a cultura e o acesso global aos bens culturais. A cadeia hierárquica fica cada vez mais próxima de um sentido menos vertical e mais

horizontal. Andrew Keen, juntamente com outros críticos da era digital, afirmam que hoje se valoriza mais a quantidade do que a qualidade. Em parte, isso é verdade, mas talvez seja uma fase desse processo que, ainda está em estágio de experimentação e adaptação. Hoje, qualquer pessoa de qualquer lugar pode atuar como agente cultural, ou seja, nunca se teve tamanha abertura à diversidade e multiplicidade de agentes. O ambiente digital é rico em novas oportunidades e o alcance de popularidade de um fenômeno na rede perpassa por lógicas, quase sempre, nada ortodoxas.

As mídias sociais remodelaram drasticamente a dinâmica da internet, na medida em que passaram a oferecer a qualquer pessoa a oportunidade de falar e de ouvir a partir de uma posição única e intransferível de autoridade – uma autoridade de estar e ocupar seu próprio lugar no mundo:

Hoje somos todos narradores e comentaristas – assim como também somos jornalistas, apresentadores de rádio, críticos, mediadores, voyeurs e propagandistas de nós mesmos, em tempo integral. A questão-chave, então, é quão preparados estamos para desempenhar todos esses papéis. (Chatfield: 2012, p. 94)

As notícias surgem sem intervalo entre o evento e a sua recepção. O fato, a palavra e a difusão da palavra, ou da imagem, ocorrem de forma instantânea. A informação não atende mais a uma lógica de massa, mas perpassa por uma diversidade de filtros e interpretações que podem vir de qualquer lugar e provocar uma repercussão inesperada.

É importante destacar que o conceito de mídia sociais é anterior à Internet, embora somente com ela o termo tenha ganhado força. As mídias sociais estão relacionadas a uma produção de conteúdos de maneira descentralizada e sem o controle editorial da mídia tradicional ou de grandes grupos econômicos. São meios que priorizam a interação entre emissores e receptores das mensagens.

Há um certo embaralhamento entre os termos rede social e mídia social. Eles podem caminhar juntos, mas não necessariamente são sinônimos. A rede social pode ser definida como um grupo de pessoas socialmente organizado, que promove relacionamento entre si, comumente, reunido por afinidade de interesses. Esse conceito sempre existiu, mas se potencializou com a Internet, por promover contatos e relacionamentos numa escala até então impensável, em que não há fronteira, nem limite. Já a mídia social está diretamente associado ao meio.

Enquanto rede social pode ser definida como a ligação entre as pessoas, a mídia social diz respeito ao ambiente onde elas estão se relacionando. A mídia social se refere a um meio de comunicação e não apenas a um meio, por si só. Desta forma, a expressão também admite a ideia de local onde se pode aparecer, publicar e divulgar informação, grande papel da mídia ao longo da história. Assim, mídia social pode ser entendida como um veículo social, utilizado como meio de comunicação.

A grande diferença é que na mídia social as pessoas se comunicam muitas vezes individualmente, emitindo mensagem sem promover interação, ou seja, nem sempre gerando uma rede de relacionamento, mas apenas publicando informações. A mídia social constitui um espaço para que as pessoas exponham o que querem mostrar ao mundo, independente do retorno que possam ter. *Sites* como o *twitter* e o *facebook*, em que as pessoas se comunicam, seja publicando conteúdo, seja interagindo através de comunidades, podem ser enquadrados simultaneamente como mídia social e rede social, por atuarem como meio de comunicação e como rede de relacionamento.

Toda rede social na internet é obrigatoriamente uma mídia social, disponível para o acesso de todos, ou para um grupo (público-alvo) delimitado pelo usuário. Mas nem toda mídia social constitui uma rede social, casos em que as pessoas publicam conteúdo sem que haja relação.

A grande revolução das mídias sociais em relação aos *mass media* deve-se à possibilidade de criação de comunidades através do compartilhamento efetivo de conteúdos entre utilizadores com interesses comuns, de uma forma fácil e rápida. Nas mídias sociais não existem obstáculos para a publicação de informação em escala global, nem controle de conteúdos por parte da indústria cultural ou dos interesses mercadológicos.

Uma das mais importantes novidades em termos de dispositivos digitais foi o surgimento de *smartphones* para o consumo tanto das mídias tradicionais como novas. Esse dispositivo vem provocando, cada vez mais fortemente, uma completa integração do consumo de mídia à rotina e a todas as atividades do sujeito. Segundo Tom Chatfield:

A maior parte dos jovens que vive no mundo desenvolvido não fica nunca sem acesso a bolhas de mídia protetoras criadas por aparelhos como smartphones e tablets. Um estoque pessoal e portátil de músicas, vídeos, jogos, aplicativos e serviços de redes sociais está sempre à mão. (Chatfield: 2012, p. 40)

Assim, os padrões de comportamento seguem se transformando em ritmo bastante acelerado. Faz parte da rotina estar conectado a uma forma personalizada de mídia. Segundo Tom Chatfield, hoje é lugar-comum passar a maior parte do tempo em que se está acordado conectado ao próprio “*link* ao vivo” para o mundo. E a tendência parece apontar para o uso de mídia se estendendo por mais tempo e por mais lugares.

A desconexão a algum tipo de mídia digital foge do comportamento padrão do sujeito contemporâneo e, costumeiramente, decorre de uma solicitação explícita de um determinado meio:

Pense nos sinais de “silêncio no vagão” presentes na maioria dos trens, ou nas placas em museus, restaurantes e outros espaços públicos pedindo que as pessoas desliguem seus telefones celulares. Esses são sinais do nosso tempo, literalmente: indicações de que a ausência de dispositivos digitais precisa ser especialmente solicitada. (Chatfield: 2012, p. 41)

É preciso compreender que existem claramente duas formas distintas de se fazer parte do mundo contemporâneo: os momentos de conexão (online) e de desconexão (offline). Cada um representando um conjunto diferente de possibilidades para o pensamento e a ação. O sujeito num vagão de trem, acompanhado de seu *smartphone*, checando *e-mails*, escrevendo mensagens de texto ou ouvindo música, ou ainda, fazendo tudo isso ao mesmo tempo, está simultaneamente presente e ausente naquele espaço. O mundo e as pessoas em sua volta estão em segundo plano, o que acontece na tela é mais importante para ele. Detecta-se, assim, uma atenção, frequentemente associada à contemporaneidade, parcial e fragmentada, caracterizando o comportamento público do sujeito autossuficiente, protegido do tédio da realidade pelos sons, imagens e amigos na ponta dos dedos. Esse comportamento já está completamente legitimado e integrado à lógica contemporânea.

Ao contrário da leitura de um livro, que acontece de forma linear, a leitura de conteúdo em ambiente digital se dá de modo labiríntico, através de interações provocadas, principalmente, por *hiperlinks*, e ainda por áudio, vídeo etc. Ao decorrer da leitura em ambiente digital, o leitor cria uma estrutura própria e exclusiva de leitura e percepção, de acordo com as relações que vai construindo e as interações a que se

submete. Isso é o que acontece quando se utiliza um serviço como o *Facebook*, por exemplo.

O *Facebook* é o espaço público contemporâneo, por excelência, arena de encontros e atualizações. Nele, é possível ao usuário informar como se sente, através da atualização de seu status, encontrar velhos amigos ou fazer novos amigos, mergulhar em discussões filosóficas ou superficiais, acessar uma série de links postados por seus contatos etc. E tudo isso enquanto navega por outros sites, checa *e-mails* e escuta música num programa de rádio produzido em outro continente:

Dizer, depois de uma hora dessa atividade, que eu estava “usando o Facebook” lança pouca luz tanto na natureza quanto na qualidade das minhas experiências. É necessário alguma coisa que combine com o tipo de encontros e interações que eu tive: uma medida dos meus sentimentos, das minhas motivações, e com o reconhecimento de que a realidade disso tudo não é menor por causa da irrealidade do espaço onde eu estava agindo. Provavelmente compartilhei novidades e pontos de vista com dezenas de pessoas durante uma hora on-line – e a maneira como me comporto diante desses acontecimentos irá afetar a forma como eu me sinto pelo resto do dia. (Chatfield: 2012, p. 29)

Os aspectos mais importantes das relações *online* são os laços humanos, cada vez mais cultivados em interações livres de fronteiras geográficas ou etárias. O reino digital se expande, acima de tudo, graças às experiências e aos valores humanos que circulam por ele. As redes sociais firmam, sobretudo, um caminho em direção aos outros e a novas formas de conexão. A internet descortina formas significativas de confiança, como percebidos em sites como o *eBay*, em que bilhões de estrangeiros negociam, comprando e vendendo os mais diversos artigos ininterruptamente.

Não existe um sujeito virtual e um sujeito real, esse sujeito é sempre o mesmo, em toda sua humanidade, explorando novos espaços e vivenciando um outro tipo de experiência.

## **5. O sujeito e a cidade na era digital: do *flâneur* ao *ciberflâneur***

O fortalecimento da presença da tecnologia alterou também o modo como o indivíduo se localiza, pertence e usufrui da cidade. Aparado por novas ferramentas para a mobilidade e circulação, a percepção do sujeito foi modificada e um outro modo de exploração e relação com a cidade e seus habitantes foi desenvolvida. A experiência na

cidade não foi anulada, mas intensificada. A cidade e o imaginário das cidades se transformaram, e seguem se transformando, com a quantidade e a velocidade das informações disponíveis na Internet. Os sujeitos das cidades contemporâneas têm hoje à sua disposição uma série de ferramentas de posicionamento, localização e deslocamento, que caracterizam uma nova e abrangente referência para a orientação e movimentação na cidade.

Quando aliados à tecnologia, o espaço e o tempo são outros. O espaço virtual alimenta no sujeito a expectativa de um lugar seguro, sem os perigos das metrópoles e dispensa, em grande medida, a necessidade de relações presenciais. O deslocamento e a fluidez acontecem sem que o sujeito precise sair de sua casa ou do seu lugar de escolha. Mesmo assim, ele pode se deslocar ininterruptamente. Como se pode perceber, deslocar também é uma palavra que passou a ter uma nova conotação depois do ciberespaço.

As novas experiências de deslocamento e mobilidade, amparadas pelo uso intenso de comunicação mediada pela tecnologia digital, reconfiguram a relação do sujeito com o mundo. A mudança da experiência do sujeito com os lugares reflete numa mudança da própria cidade, que se torna mais interativa e passa a incorporar novas práticas no intuito de também facilitar o fluxo. As cibercidades instituem novos meios de troca e relação social com a geografia contemporânea. Através do aparato de ferramentas de tecnologia e interação, o imaginário da cidade e sua dinâmica são alterados. De acordo com André Lemos, as cibercidades potencializam novas experiências, descortinando outros modos de praticar e usufruir das cidades:

Não se trata da emergência de uma nova cidade, ou da destruição das velhas formas urbanas, mas de reconhecer a instauração de uma nova dinâmica de reconfiguração que faz com que o espaço e as práticas sociais das cidades sejam reconfiguradas com a emergência das novas tecnologias de comunicações e das redes telemáticas. (Lemos: 2004, p.21)

Assim, a cibercidade, através do domínio de tecnologias, representadas por redes *wi-fi*, *bluetooth*, *GPS*, computadores portáteis, *tablets*, *smartphones* e tantos outros dispositivos, promove novas relações espaço-temporais. Através desses dispositivos e tecnologias, o sujeito desenvolve um novo modo de estar na cidade. Essas tecnologias já fazem parte do cotidiano do sujeito e agem no sentido de dilatar distâncias e ampliar fronteiras do tempo. Com essas ferramentas, o indivíduo se desloca e se relaciona sem a necessidade de sair do lugar ou de estar acompanhado. A tecnologia e os dispositivos

atrelados à Internet, de um modo geral, reconfiguram a cidade e também o sujeito, a quem são atribuídos novos valores, desejos, sentimentos e sensibilidades.

As relações e deslocamentos passam a ser mediados pelo uso dos dispositivos eletrônicos e digitais. Já não há mais barreiras físicas para o diálogo. As cibercidades caminham no sentido de se tornarem ambientes de conexão permanente, com mobilidade e troca de informações a todo tempo e em todo lugar.

As trocas de informação e as relações sociais se estabelecem sobretudo nas redes sociais, mídias digitais e comunidades virtuais. Os diálogos contam com diversas ferramentas que a realizam em tempo real e instantâneo, independente da localização e distância entre os interlocutores. Os *GPS* e mapas com imagens capturadas via satélite facilitam o deslocamento e sugerem interatividade como extensão do real.

Como o que é novo sempre se ampara no existente como referência, logo o *flâneur*, figura clássica da modernidade, imortalizada por Baudelaire, teve sua imagem atualizada no ciberespaço. De acordo com André Lemos (2001, p. 2), a “*flânerie virtual*” ou “*ciber-flânerie*” é o passeio virtual, ou seja a prática da *flanêrie* com o aparato das ferramentas e dispositivos que permitem a imersão no ciberespaço. Assim como o passante que contempla a cidade, o *ciber-flâneur* passa pela rede, se deixando levar, caminhando por espaços de informação eletrônica, como se fossem vitrines da cidade, colhendo impressões e muitas vezes deixando seus comentários por onde passa.

A definição da atividade do *flâneur* descrita por Charles Baudelaire não se diferencia da figura do sujeito que navega, como observador pela rede. A diferença é que enquanto o verbo do passante das cidades é *flanar*, o do passante virtual é *navegar*. Muda a forma, mas o conteúdo parece bem semelhante:

Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito. (Baudelaire: 1996, p. 20)

As cidades contemporâneas foram palco do declínio da figura do flâneur, que perdeu seu espaço de contemplação em meio aos lugares apinhados e utilitários. Agora, a cidade reconfigurada com o auxílio dos suportes tecnológicos se reinventa como um novo lugar, de fácil acesso e interação. Modifica-se a maneira de perceber e de estar na



cidade. A cidade física se dinamiza no formato digital. Através de mecanismos como o *google maps*, abre-se passagem para a existência contemplativa, e, claro, também interativa, do *ciber-flâneur* por toda a cidade, por todo o planeta.

A facilidade de acesso imediato aos mais diversos lugares e informações é o que torna a *flânerie* virtual tão encantadora. Nessa travessia, o sujeito constrói o caminho que irá perseguir e através de seus cliques define as direções e a linha de observação que perseguirá. O *ciber-flâneur* se desloca por toda teia de conteúdos na rede sem a necessidade de locomover seu corpo. Toda a mobilidade e interatividade do sujeito são realizadas a partir dos aparatos eletrônicos:

Trata-se, efetivamente, de uma fusão, do surgimento de práticas híbridas entre o espaço físico e o espaço eletrônico. Essa nova configuração vai disseminar práticas de nomadismo tecnológico onde as tecnologias tornam-se cada vez mais pervasivas, transparentes e ubíquas. A era da conexão configura a cultura da mobilidade contemporânea. (Leão: 2004, p. 22)

Enquanto o flâneur baudeleriano contemplava a cidade moderna de forma sensorial, com seus cheiros e sons, o ciber-flâneur contempla a cidade contemporânea de forma imersiva e interativa. Os novos dispositivos imprimem uma outra forma de olhar, outras perspectivas de contemplação.

## **6. Da sociedade à comunidades virtual**

Historicamente, as cidades se constituíram a partir de ímpetos gregários dos seres humanos. Os grupos nômades se transformaram nos primeiros assentamentos permanentes até chegarem à cidade. Ferdinand Tönnies afirmava que em comunidade as pessoas estão unidas apesar de todas as separações, sendo opostas à sociedade, em que estão separadas apesar de tudo que as une. A comunidade é orgânica e tem uma motivação afetiva. Já a sociedade, pelo contrário, é fria e egoísta, com motivações mecânicas e pragmáticas. O autor defendia que a comunidade representava o estado ideal dos grupos humanos, enquanto que a sociedade seria sua corrupção, efetivada pela modernidade. (Tönnies: 2010, p. 511)

O debate clássico entre os sociólogos que viam o processo de urbanização como o desaparecimento das formas de vida comunitárias significativas e os que percebiam a

cidade como a libertação das pessoas das tradicionais formas de controle social foi atualizado para uma discussão entre os nostálgicos da velha comunidade, especialmente limitada, e os entusiastas das comunidades escolhidas, proporcionadas pela Internet.

Hoje, os moldes de funcionamento das comunidades virtuais se reencontram com uma sociabilidade de apoio mútuo e interação social que existia nas sociedades agrícolas, no princípio da fundação das cidades e nas primeiras etapas da sociedade industrial. A diferença é que essa sociabilidade já não se baseia no lugar, mas nas escolhas. A proximidade geográfica desempenha um papel cada vez mais irrelevante na reestruturação das relações sociais para a maior parte da população das sociedades desenvolvidas. As pessoas não constroem seu significado nas sociedades locais, que vão sendo substituídas pelas redes como suportes de sociabilidade. As relações são selecionadas com base na afinidade.

Com a expansão da sociedade industrial e o fortalecimento do conceito de sociedade de massa, cada vez mais a noção de comunidade vinculada a uma limitação territorial foi sendo transformada por uma definição de grupamento de pessoas com pensamentos ou interesses semelhantes independente do contingente geográfico. A comunidade é identificada por aspectos como coesão social e colaboração para uma finalidade comum, não por uma relação familiar ou geográfica. Ela está associada à existência de algum tipo de ligação emocional ou afetiva. E o sentimento de pertencimento sempre perpassa por seus integrantes.

Essa noção de comunidade, desvinculada territorialmente e unida por interesses, foi evidenciada e fortalecida na era digital. As comunidades virtuais são agrupamentos de pessoas que mantêm relação social no ciberespaço, são formadas através de discussões públicas sobre algum assunto de interesse comum, por pessoas que se encontram e se reencontram mantendo contato através da Internet e ainda por um desejo de pertencimento. Esses elementos, combinados no ciberespaço, formam redes e relações sociais, que constituem as comunidades.

O sentimento de pertença é um elemento fundamental no conceito de comunidade, tanto nas presenciais como nas virtuais. A diferença é que nas comunidades *offline* o pertencimento estava associado ao território geográfico, já no ciberespaço o pertencimento está associado a um conceito, uma ideia, uma emoção, um afeto compartilhado. Os participantes de uma comunidade virtual devem se reconhecer como parte de um grupo, onde detêm responsabilidades pelas relações ali estabelecidas. Há em todos os participantes algo em comum que é o mote para as relações se

constituírem. Além disso, as comunidades virtuais são caracterizadas por uma eletividade de pertencimento, ou seja, o indivíduo define de qual comunidade quer fazer parte. E esse pertencimento dura o tempo do interesse do sujeito naquele grupo. Ele pode sempre ligar-se, desligar-se, religar-se, de acordo com seu desejo. São laços intensos e frágeis, por mais paradoxal que isso possa soar.

As comunidades virtuais nasceram com o propósito de reunir as pessoas *online* em torno de uma série de valores e interesses partilhados, criando laços de apoio e amizade que poderiam estender-se à interação cara a cara. Ou seja, há uma sociabilidade ilimitada, baseada na afinidade. Desse modo, as comunidades podem ser entendidas como “redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um sentimento de pertença e uma identidade social.” (Castells: 2007, p. 157).

## **7. Movimentos sociais na sociedade em rede**

A era digital revelou uma nova forma de fazer política, baseada na disseminação viral de ideias, ideais e ideologias. Pode haver líderes, mas não há uma hierarquia de comando. Comumente, fica mais claro entender o que o movimento repudia ou a que se opõe, do que propostas e ações objetivas de mudança. Ainda assim, as consequências têm sido transformadoras e revolucionárias.

O poder está rapidamente deixando as mãos das minorias que monopolizavam o conhecimento e as ferramentas organizacionais:

Aqui surgem três fatores cruciais: a capacidade dos indivíduos em perceber o que está acontecendo em torno deles e no que eles acreditam; a facilidade com que essas impressões podem ser compartilhadas e transmitidas; e a consequente facilidade em organizar rapidamente formas massivas de ação, que podem elas mesmas ser percebidas e comunicadas. Esse foi, essencialmente, o padrão de atividade que definiu os primeiros passos dos protestos da Primavera Árabe na Tunísia e no Egito – um padrão caracterizado não tanto pelo caráter moral irrepreensível, mas pelo ineditismo e pela eficácia em regiões há muito tempo controladas de forma extremamente rígida. (Chatfield: 2012, p. 145)

O espaço virtual assume, cada vez mais, a função de espaço político, na medida em que alarga possibilidades de discussão e de exercício de cidadania. A Internet abriu espaço para a manifestação de movimentos coletivos direcionados para a transformação dos valores e das instituições sociais. O movimento operário, sobrevivente da era

industrial, o movimento ecologista, o movimento feminista, os grupos a favor dos direitos humanos, os movimentos religiosos e ainda uma interminável lista de projetos defensores das mais abrangentes causas políticas se afirmam, se fortalecem, se organizam e se mobilizam através da Internet. “O ciberespaço converteu-se numa ágora electrónica global onde a diversidade do descontentamento humano explode numa cacofonia de pronúncias.” (Castells: 2007, p. 168)

Para os movimentos sociais, a comunicação de seus valores e a mobilização em torno deles são fundamentais. Sua construção acontece ao redor de sistemas de comunicação, pois o objetivo é chegar às pessoas que podem partilhar valores e, a partir de então, atuar socialmente de forma conjunta. A Internet, por seu alcance praticamente ilimitado e a instantaneidade na produção e divulgação de conteúdo, ressignificou e fortaleceu a estrutura desses movimentos. Além disso, ao contrário das organizações verticalmente integradas da era industrial, os movimentos sociais na sociedade de rede funcionam sem hierarquia entre seus participantes. A liderança comumente se faz pela capacidade de reflexão e articulação, que pode advir de qualquer lado. Trata-se, comumente, de uma liderança cambiante, em que qualquer membro do movimento pode assumir uma liderança, desde que se dedique e se envolva profundamente com as questões em pauta.

Cada vez mais, por todo mundo, tem sido possível comprovar a força de movimentos emocionais, despertados por um evento mediático ou por uma grande crise. Esse tipo de movimentação tem sido responsável por importantes mudanças sociais:

A Internet está a converter-se num meio essencial para a expressão e organização deste tipo de manifestação que coincidem num momento e lugar determinados, conseguem um impacto publicitário no mundo dos meios de comunicação e agem sobre as instituições e as organizações (as empresas, por exemplo) graças às repercussões do seu impacto na opinião pública. Estes são movimentos destinados a *tomar* as mentes e não o poder do Estado. (Castells: 2007, p. 171)

Os movimentos são baseados primeiramente no intercâmbio de informação, para que, posteriormente, sejam tomadas decisões coletivas, que norteiem as decisões individuais. Sua essência é a provocação do debate dentro de um âmbito permeado por uma certa informalidade e espontaneidade.

Na esfera dessa comunicação interativa e multidirecional, os sujeitos se desviam da condição de espectadores passivos e assumem uma postura participativa e

colaborativa de fato. O dinamismo e a auto-organização são as marcas dessa nova forma de mobilização social.

Países que mantêm regimes de governo ditatoriais insistem em fortes estratégias de controle de informação e de acesso à Internet, tem se visto que essa postura, na contramão do acesso global, tem esbarrado na imensa capacidade dos usuários em se solidarizar no sentido de combater a privação da liberdade na rede. Desde seu princípio, a Internet carrega consigo o estandarte da liberdade. Seus fluxos de comunicação que transcendem a geografia acontecem sem entraves e sem o controle dos Estados.

A Internet é um lugar de promoção da liberdade de pensamento. Sua estrutura rizomática incentiva uma comunicação livre que não sustenta o controle. Quem dita o conteúdo das trocas livres são os atores sociais que participam dos processos comunicacionais.

O que tem sido demonstrado é que o sujeito que fica em casa conectado à Internet não está alheio à realidade, muito pelo contrário, está também lutando por seus direitos, a partir das redes sociais *online*. Assim, não existe uma substituição do espaço público das cidades pela Internet. As manifestações encontraram na rede um espaço para coordenação, engajamento e articulação do que será concretizado, efetivamente, nas ruas das cidades. Esse tipo de movimento demonstra que a Internet pode ser um instrumento de transformação social e não apenas um utensílio de consumo, entretenimento e sociabilidade.

## **8. A estrutura afetiva dos laços sociais *online***

A comunicação realizada pela Internet, como já visto até aqui, vem alterando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social. Mais do que um formato facilitador de uma comunicação unidirecional ou bidirecional, o grande ganho e diferencial está no sentido multidirecional de conexão, característico das redes.

Segundo Raquel Recuero (2009, p. 24), a rede social é composta por dois elementos: os *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e as suas *conexões* (interações ou laços sociais). Na abordagem de rede, cujo foco está na estrutura social, não se pode isolar os atores e nem suas conexões. Os atores no ciberespaço são entendidos como os indivíduos que interagem na rede gerando conteúdo e opinião. Em sistemas como o facebook, os indivíduos são detentores de um perfil, legítimo ou falso,

que o vinculam às interações. Todo tipo de representação de pessoas, como *blogs*, *fotologs*, *nicknames* e perfis no *facebook*, pode ser tomado como um nó da rede social e, ao mesmo tempo, são pistas de um indivíduo que quer ser percebido pelos demais. Esse indivíduo, colocado em interação, é sempre uma construção, que pode representar múltiplas facetas de identidade. Os atores constroem para si um espaço e, a partir de então, se sujeitam a representações e percepções sobre as quais nem sempre têm controle. A interação é a raiz das relações e dos laços sociais, seu ponto de partida é a percepção dos indivíduos.

Uma nova fase se descortina após um período de impessoalidade e padronização da comunicação de massa. As redes sociais promovem afetos, emoções e subjetividades na comunicação. Novas lógicas relacionais e subjetividades emergem com a tecnologia. De acordo com Michel Maffesoli, existe um aspecto racional e utilitário da Internet, mas isso representa apenas uma parte do fenômeno. O mais importante é a relação, a circulação de signos, as relações estabelecidas:

Ao contrário do contrato com seu aspecto racional, voluntário, que comporta essa noção, está se constituindo uma outra maneira de ser, uma outra forma de socialidade. Essa outra maneira de ser vai reinvestir os elementos que a análise social tinha deixado de lado: o emocional e o afetual. O emocional e o afetual não são unicamente da ordem do emotivo ou do afetivo, mas um clima específico baseado nos processos de contaminação, no fato de que toda uma série de “transes”, às vezes macroscópicos, frequentemente microscópicos, constitui o terreno da vida social. (Maffesoli: 2006, p. 28)

A dimensão do sensível se contrapõe à lógica objetiva e argumentativa que nortearam a sociedade industrial. A sociedade contemporânea na era digital preserva as subjetividades e, assim, contrapõe-se ao mundo físico, aparentemente, desumanizado. A rede alimenta o espírito comunitário, participativo, democrático e plural:

Já não estamos na era dos *mass media* e da sua comunicação unilateral, estamos no tempo das redes sociais em linha, das plataformas relacionais, das trocas interpessoais, horizontais e comunitárias. Uma cultura *tudo para todos* que permite aos indivíduos ser menos consumidores passivos, de partilhar, de discutir, de participar para além dos constrangimentos do espaço-tempo. É necessário quebrar com o clichê do *zombie* dessocializado, agarrado ao seu computador, desligado do mundo, vivendo apenas num ambiente virtual. Mesmo que vícios como este existam inegavelmente, é mais verdadeiro dizer que a Web é o que favorece os encontros fora da rede; é também o que permite aos

indivíduos falar, contar, entrar em cena. Pode mesmo revelar-se um instrumento que cria solidariedades entre crentes dispersos no mundo. (Lipovetsky: 2011, p. 62)

Na era digital, os indivíduos compartilham cada vez mais suas ideias e interesses. Nas redes sociais, boa parte dos compartilhamentos se refere a sentimentos e emoções que o sujeito expõe na rede numa espécie de narrativa sensorial e sentimental. Os relatos dizem de experiências pessoais, que quando colocadas na rede acabam por se tornarem coletivas, na medida em que agregam outros participantes, ainda que no papel de espectadores.

Em muitas instâncias, as redes sociais são também, espaços de catarse, pois permitem ao indivíduo despejar seus medos, seus anseios, dar forma aos seus sentimentos, na tentativa de promover diálogos com eles. As situações do cotidiano passam a ser ressignificadas por meio de uma tessitura afetiva que se constrói em torno do sujeito.

## **9. Tribos e guetos na Internet**

A internet, assim como a cidade, é um espaço constituído por muitas pessoas, onde ninguém tem completo controle, tudo está intrincadamente interconectado e ao mesmo tempo acontecendo como diversas partes independentes.

As redes sociais produzem incontáveis comunidades, que remontam em certa medida os conceitos de tribo ou de gueto. Qualquer estilo de vida ou comportamento encontra eco na internet. As mais ingênuas trivialidades, as atuações politizadas e as piores perversidades convivem e aglutinam pessoas nos ambientes virtuais. A internet abre espaço para a liberdade comportamental, de forma exacerbada, com menor tutela e controle ideológico.

O ciberespaço dá vazão, ao mesmo tempo que protege, aos anseios individuais, se tornando um confessionário genérico e generalizado. A liberdade comportamental na Internet abarca todas as camadas sociais e correntes ideológicas. Estampar escolhas e opiniões, mesmo aquelas não aceitas socialmente, nunca foi tão fácil.

Dentro do reino digital, são possíveis alterações de identidade, desenvolvimento de múltiplas personalidades e até mesmo anonimato, sendo este o grande foco de combate dos últimos tempos. Cada vez mais é preciso trabalhar a separação entre

anonimato e privacidade. Descobrir uma maneira de não precisar do anonimato como garantia da privacidade.

A questão é que a facilidade do anonimato no mundo digital vem abrindo espaço para a criminalidade. Os defensores dessa prática afirmam que somente o sigilo permite liberdade para determinadas ações, como a denúncia de pessoas poderosas em regimes ditatoriais.

Ao mesmo tempo clama-se pela garantia de privacidade especialmente nos guetos da internet, como os sites de pornografia. Assuntos de foro íntimo necessitam de privacidade, mas a privacidade aceita nesses espaços acaba resvalando para os guetos criminosos, como as páginas de pedofilia, por exemplo.

## **10. Liberdade na era digital**

Hoje, com os avanços da tecnologia, verifica-se que privacidade é um conceito cada vez mais distante. No mundo em rede, a vida social é feita de uma imensidão de encontros e conexões temporárias com diferentes grupos das mais variadas distâncias geográficas, culturais e sociais, os laços podem ser efêmeros ou duradouros e a rede se modifica constantemente. Os indivíduos se movimentam sempre se inserindo e se desligando de teias. Os que entram e saem da rede sem deixar vestígio estão ameaçados de exclusão. A integração às redes e às conexões interessantes é o novo princípio de inserção. A condição de inserção exige mobilidade e rapidez, o desligamento da estabilidade e do enraizamento, a disponibilidade para uma fluidez, feito nômade, sempre pronto para explorar um novo espaço.

No entendimento da rede como nova representação da sociedade, desconstroem-se as ordens, classes e hierarquias. É o advento de um mundo interconectado, que abre espaço para uma tensão permanente entre o desejo de autonomia e segurança em contraposição à necessidade de envolvimento e engajamento.

Há de se deixar claro que junto com o acesso ilimitado à informação, aos diversos conteúdos, à possibilidade de publicar opiniões, enfim, à comunicação abrangente, que caracterizam a liberdade na Internet, vem o monitoramento. Alguns sites de serviço que são utilizados, como as próprias plataformas em que são realizadas as comunicações entre sujeitos ou os *sites* de busca, por exemplo, capturam as informações compartilhadas, controlando o que é visto na rede, para devolver na forma de publicidade personalizada. Ou seja, a liberdade passa a ser questionada, pois



liberdade monitorada representa um grande paradoxo. Talvez a utilização do termo liberdade já não seja o mais adequado para falar de Internet.

Um dos pontos mais críticos sobre a Internet é exatamente esse monitoramento, pois à medida que os sites, seja de busca, de rede social ou e-mail, passam a aperfeiçoar seus mecanismos para definir o que melhor se encaixa ao perfil do sujeito, há um claro distanciamento do conteúdo total da Internet, em prol de uma pequena parte que, de alguma maneira, já é parte do universo da pessoa. Assim, de acordo com Andrew Keen (2012), a Internet se torna um grande espelho que reflete os desejos, interesses e inclinações do indivíduo, o afastando da riqueza da diversidade e, também, atuando para isolá-lo dos demais, assim como já é vivenciado nas comunidades físicas. Para o autor, a Internet parece apenas repetir o modelo segregacionista já existente no dia-a-dia das cidades contemporâneas.

## **11. As cidades invisíveis**

Não é à toa a menção ao livro do Italo Calvino. As cidades invisíveis do livro não são muito diferentes das cidades invisíveis de cada pessoa. Não em suas características, mas em seu mesmo meio de existir: baseado na sensibilidade e na experiência. As cidades invisíveis não dizem respeito apenas a lugares ocupados num espaço real, virtual ou imaginário. É muito mais que isso, pois elas dizem respeito às percepções, às sensações, aos modos de apropriação da cidade por cada pessoa. Viver a cidade é muito mais uma experiência subjetiva do que física.

Uma mesma cidade abre-se a tantas leituras, tramas e interpretações quanto forem o número de seus habitantes, visitantes e curiosos. Uma cidade não é uma construção meramente concreta, com planos urbanísticos desenhados para certos fins, é muito mais uma estrutura sempre inacabada, dinâmica, tecida elasticamente para que articulem-se múltiplas e infindáveis práticas. Por isso, os caminhos no ciberespaço, de algum modo, também representam uma cidade.

Há uma cartilha normativa para a vida na cidade, e é nas entrelinhas dessa cartilha que a cidade dança. Com atenção, percebe-se as brechas das cidades invisíveis dentro da cidade. Cada indivíduo traça uma cidade própria, a partir de seus caminhos escolhidos. No dinamismo dos dias, o cotidiano se reinventa. Se atento, a cada dia é possível perceber o modo como a cidade povoa-se e repovoa-se de outros rostos, outras

cores, outros sons, outros cheiros, outros movimentos, outras danças, outras subjetividades. Uma cidade nunca é a mesma, há sempre uma nova roupagem, que a faz diferente. Vivenciam-se entrelaçamentos que geram novas possibilidades. O sujeito está em permanente jogo com o inevitável dos acontecimentos, tornando-os habitáveis, praticando modos únicos de fazer, de estar, de ser:

Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra. (Certeau, 1998, p. 171)

A cidade reforma-se, remodela-se nos entrecruzamentos. Há sempre uma cidade metafórica insinuando-se no texto claro da cidade planejada. Há sempre uma cidade invisível no texto claro da cidade visível:

Nenhum plano urbano pode ser adequadamente descrito em termos de seu modelo bidimensional, pois é apenas na terceira dimensão, pelo movimento no espaço, e na quarta dimensão, pela transformação no tempo, que chegam a viver as relações funcionais e estéticas. (Mumford: 1998, p. 332)

Michel de Certeau descortina uma teoria das práticas cotidianas do espaço vivido. A cidade que ele analisa é construída pelos passos e trajetórias definidas pelo sujeito. O autor demonstra que importa mais a sensação, a espontaneidade e o modo como o sujeito apropria-se do espaço do que a norma estabelecida de utilização. O abstrato transcende o concreto da cidade: “Existe uma retórica da caminhada. A arte de “moldar” frases tem como equivalente a arte de moldar percursos.” (Certeau: 1998, p. 179). Assim, o indivíduo apropria-se da cidade, constrói a sua cidade, definindo um estilo de uso, um modo de ser e uma maneira de fazer.

Um estudo da cidade não pode se fixar no que há de imóvel quando o que a faz pulsar é o que nela existe de móvel. Assim, Michel de Certeau não vê nas cidades os lugares ou não-lugares, para ele é tudo passagem. E nas passagens se realizam cartografias poéticas. As cidades, assim, possuem alcances e limites individuais. Para

Michel de Certeau, o espaço é um lugar posto em prática, realizado. O autor propõe uma analogia entre o lugar e o texto. A palavra escrita passa por alterações ao ser interpretada, podendo acumular múltiplos significados, variáveis de acordo com a circunstância, contexto e convenções. Uma palavra escrita ganha outro sentido em sua versão oralizada. O que era estático modifica-se com o dinamismo da fala. A fala para o texto é o movimento para o lugar. O lugar renova-se ao ser praticado pelas pessoas, quando estas desenvolvem seus caminhos, suas escolhas, sua dança. O concreto demonstra não ser tão sólido em sua existência ou representação, mas tomado de um metafórico contorno líquido para comportar múltiplos formatos. O espaço se constrói e se reconstrói numa dinâmica de (in)definições, sejam voluntárias ou involuntárias.

Uma cidade é sempre habitada por muitas outras cidades. A cidade geográfica, de limites e fronteiras definidas, é muito mais representativa pelas infinitas cidades invisíveis que nela amanhecem. E o que é uma cidade no ciberespaço se não uma outra forma de ter uma cidade invisível? Uma cidade invisível é onde moram os afetos, as trajetórias e as escolhas de cada sujeito. É a cidade do desejo de ser e pertencer.

## Conclusão

A premissa de buscar compreender a sociabilidade no mundo contemporâneo não parecia das mais simples, pois já surgia com uma série de paradoxos e contradições embutidas. No entanto soava como desafiadora e quase terapêutica, no sentido de que aguçando a percepção para o modo como se vive, em alguma medida, eu estaria olhando também para mim, para o modo como estou no mundo e como desenvolvo as minhas relações com o espaço, com o tempo e com as outras pessoas.

Logo percebi que não poderia dar conta de olhar para o mundo contemporâneo isoladamente, sem buscar suas raízes, ou seja, sem perceber que há sempre uma construção histórica por trás de um fenômeno. Assim, começa essa investigação pela história das cidades. O primeiro problema estava na própria definição de cidade, descobrir em que ponto uma aldeia ou um assentamento permanente tomam a forma de cidade. Ou, em outras palavras, o que caracteriza uma cidade.

Averiguamos que uma predisposição para a vida social estava na raiz da cidade e isso é bastante significativo para entender que o homem carrega em si um instinto gregário, de modo que a postura individualista, fria, impessoal e inóspita, que caracteriza o sujeito com quem esbarramos atualmente nas grandes cidades, não é de fato natural, mas forçada pelas circunstâncias. É uma resposta a uma determinada construção de mundo que lhe pede dureza e que acredita que a segurança está no isolamento.

A pesquisa traçou uma linha cronológica das cidades, iniciando nas aldeias, passando pelas cidades primitivas, pólis gregas, cidades romanas e cidades da Idade Média, para chegar e se demorar nas cidades após a Revolução Industrial, quando a força do capitalismo começou a reger as estruturas das cidades e a reajustar a vida urbana ao seu modo. Quando o instinto gregário do homem passou a ser abafado e reprimido.

Assim, a partir do século XVI, e de forma mais voraz, do século XVIII para a frente, o sujeito vivencia a experiência de uma comunidade dispersa e desagregada. A cidade passou a oferecer poucas possibilidades de reunião, de debate coletivo e de ação comum, favorecendo um conformismo silencioso. Esse conformismo foi quebrado no século XXI, na medida em que a Internet foi ganhando força.

Mas antes de chegarmos à era digital, é importante destacar que o século XX trouxe o crescimento e a multiplicação das grandes metrópoles e, especialmente, a globalização, com suas devidas padronizações, homogeneizações e unificações. A cidade moderna do século XVIII já não se mantinha no século XX, daí o surgimento do termo pós-modernidade, ou sobremodernidade ou hipermodernidade, ou alguma terminologia ainda em debate, para caracterizar esse período em curso que é palco de tantas reinvenções de experiências culturais e relações sociais. Anteriormente cada cidade era um mundo e, de repente, tivemos a experiência de um mundo todo parecer uma mesma cidade, fato que foi potencializado em grande medida pela Internet.

Um dos ícones da contemporaneidade são os chamados não-lugares, consagrados por Marc Augé. Lugares que, segundo o autor, não podem ser definidos nem como identitários, nem como relacionais e nem como históricos. Esses lugares possuem um padrão uniforme de conduta, independente da cidade onde se encontrem. Neles, a individualidade se exacerba, ao mesmo tempo em que as pessoas se homogeneizam em seus comportamentos. São espaços que não abrem brechas para a subjetividade, são utilitários, construídos para a passagem rápida e sem vestígio.

Os mais recentes estudos e as práticas da cultura vêm se encarregando em desconstruir o conceito de não-lugar. Os espaços públicos apontados por Marc Augé como não-lugares tem cada vez mais sido alvos de ações no sentido de se transformarem em locais identitários e ressignificados, que buscam incentivar uma saudável convivência e uma relação mais humanizada das pessoas com a cidade e com seus concidadãos.

Depois desse primeiro momento debruçados sobre a cidade, mais especificamente para o espaço físico da cidade, o segundo capítulo do trabalho coloca o foco no sujeito, no seu modo de estar na cidade globalizada contemporânea, quando a identidade e o pertencimento passam a ser conceitos mais flexíveis, negociáveis e revogáveis. Tornam-se escolhas possíveis dentro da multiplicidade e diversidade que a contemporaneidade coloca à disposição. As cidades globalizadas, com seus excessos, estampam uma crise de identidade e uma perda de vínculo do sujeito com o mundo social.

Uma das características mais acentuadas dessas cidades é a sua multietnicidade. A mobilidade faz parte do processo contemporâneo de desenvolvimento econômico e, com isso, há uma inevitável reestruturação das sociedades. A figura do estrangeiro é parte fundamental do quadro das grandes cidades. Mas apesar das imensas

oportunidades de interação que as cidades globalizadas oferecem, elas ainda são consideradas por muitos como lugares solitários e inóspitos. A justificativa para isso resulta uma soma de fatores e, sem dúvida, um dos mais fortes diz respeito à desintegração da comunidade. As pessoas nas cidades não encontram mais espaço para viver como comunidade, mas sim em sociedade, estado este que evoca a tensão permanente. E à medida que a diversidade cultural, que caracteriza a globalização, vai se intensificando, a tensão parece aumentar, de modo a provocar impulsos segregacionistas. Os lugares de encontro, que aproximam os habitantes da cidade, vão desaparecendo, enquanto as construções para isolar o sujeito, com a justificativa de protegê-lo, vão ganhando força.

É nesse âmbito que o individualismo cresce, como um sentimento consciente que leva o sujeito a se isolar da massa dos seus semelhantes. Em situação de multidão, como a encontrada nos não-lugares, a individualidade se dilui em automatismo, abafando as subjetividades. O sujeito passa a responder de forma mecânica aos sistemas simbólicos definidos pela ordem social.

Os dispositivos tecnológicos estão entre as principais marcas dos séculos XX e XXI e foram muitas vezes tomados como responsáveis pelo distanciamento do homem do espaço público. A figura do sujeito com fones de ouvido ou com o telefone celular é representativa da indiferença ao entorno. Nos espaços públicos, fica nítida a proximidade física andando de mãos dadas com a distância espiritual.

Os indivíduos migram para a vida privada no intuito de se refugiar do desconforto provocado pela vida pública. E o conceito de casa se alarga, pois o sujeito não busca um confinamento doméstico, mas a possibilidade de vivenciar uma sociabilidade mais seletiva e mais emocional, proporcionada pelas tecnologias de comunicação e informação, especialmente a Internet.

A Internet jamais poderia ser tomada como meio de rompimento de sociabilidade, talvez, no máximo, de uma sociabilidade física. Saem perdendo os processos de interação social passíveis de se concretizarem espontaneamente no espaço público, em compensação ganham os laços sociais escolhidos, que brotam da afinidade e do afeto.

O espaço físico perdeu a importância determinante na vida social que já possuiu outrora. Os modos de vida se tornaram independentes da geografia. A herança cultural na globalização foi remodelada para heranças culturais diversas, provindas de todos os cantos do planeta.

O homem solitário, desconectado do entorno, encontra na Internet o espaço para ser, para aparecer, para se relacionar. Com essa premissa, este trabalho chega ao terceiro e último capítulo para explorar a sociabilidade do sujeito contemporâneo na era digital. Concluindo que o homem individualista público e o homem comunitário privado constituem duas faces da mesma moeda.

A Internet vem descortinando a cada dia formas inéditas de interação e colaboração. Vivencia-se uma era que materializa diariamente possibilidades impensáveis, tidas como impossíveis, há bem pouco tempo. Tudo se dá numa velocidade impressionante, remodelando os conceitos de espaço e tempo.

A revolução social provocada pela Internet está em pleno curso, portanto é natural que desperte opiniões desencontradas e muita desorientação. Há os que dizem que a Internet potencializou a solidão e o isolamento do sujeito contemporâneo, mas há também os que defendem o contrário, que a Internet reacendeu o espírito gregário que estava adormecido no ser humano. E é nessa chama reacesa que a pesquisa se centra, através de uma investigação acerca das redes e comunidades virtuais.

As novas tecnologias de comunicação facilitam a construção de grupos de afinidades, reencontros com amigos e familiares geograficamente separados, enfim, uma sociabilidade pulsante que caminha sobre a trilha do afeto. Estamos falando de uma plataforma que valoriza a liberdade individual ao mesmo tempo em que cultiva a produção de pensamentos coletivos. São imensas as possibilidades de integração pela Internet.

O ano de 2013 no Brasil foi bastante simbólico na questão dos movimentos sociais que se articularam e se estruturaram *online* para ganhar as ruas das grandes cidades. O País vivenciou imensas manifestações que conseguiram abalar o poder público e promover ajustes sociais. A rede e sua possibilidade multilateral de comunicação possibilitaram que as pessoas insatisfeitas se encontrassem e se organizassem. Sem o meio *online*, a mensagem não teria a mesma força de se espalhar e alcançar os resultados positivos que foram alcançados. A informação passada pela grande mídia deixou de ser a única versão dos fatos, as redes sociais se tornaram sala de exibição de múltiplas leituras e interpretações dos acontecimentos, permitindo ao sujeito tirar suas próprias conclusões sobre os fatos e, especialmente, perceber que a história pode ser contada sob diversos ângulos e ideologias.

O mais curioso é perceber como o ciberespaço, com suas comunidades virtuais, reaproxima o sujeito de uma condição conhecida historicamente numa era pré-

industrial. Dos vilarejos, o homem passou a viver nas cidades e agora na Internet novamente reencontra estruturas comunitárias que lembram as vilas. Tudo fluido, nada fixo, tudo nômade. O sujeito se instala e se desinstala num ambiente dentro do ciberespaço com o mesmo desapego do nômade que não se fixa a terreno algum. E quando resolve que quer se agrupar não é nunca por uma força das circunstâncias, já que tem plena liberdade de ir e vir no ciberespaço, é por uma escolha que faz. Escolha de onde, como e com quem quer interagir e se agrupar.

Nos dias de hoje é muito difícil alguém que não esteja conectado a alguma rede social, ou que pelo menos faça uso das novas tecnologias de comunicação proporcionadas pela Internet. O fato é que ainda temos muito o que aprender sobre essas ferramentas, ainda é tudo muito incipiente.

O paradoxo é uma característica irrefutável da civilização e que tem sido ainda mais evidente na sociedade contemporânea com a contribuição do ciberespaço. Ao mesmo tempo em que se fala de uma concepção planetária e global que atinge todo o mundo, se multiplicam os individualismos e regionalismos, que agora parecem encontrar mais facilmente seus signos de identidade no meio da profusão de informações e referências à disposição. O contra-senso é que em um mundo que tende à concentração e à unidade brotam os particularismos.

Na mesma onda, a quantidade abundante de informação não assegura que o sujeito está mais bem informado pelo fato de estar, aparentemente, mais informado. O excesso de dados pode também ser causa direta da ignorância.

O usuário entusiasmado porque a *web* lhe permite se sentir cidadão do mundo e se expressar como um dialogante universal se afasta de suas relação com os fisicamente mais próximos: família, vizinhos e amigos.

Aparentemente a rede se autorregulamenta em relação ao comportamento e aos costumes. No entanto, isso não impede a existência de conteúdos perigosos e perjurativos, publicados sem rigor ou criticidade. Ainda falta um longo caminho de discussão sobre a liberdade de publicação, pois ao tornar um conteúdo público é preciso muita responsabilidade sobre o que se diz.

A inclusão digital não pode ser vista como simplesmente dar acesso a computadores e internet às pessoas, é muito mais do que isso. É educar para o bom uso da rede, para uma utilização consciente e crítica. A cultura digital carece de sujeitos capazes de trabalhar este momento de forma significativa e seletiva, percebendo o conteúdo que pode lhe acrescentar. É necessária a formação de usuários críticos na rede,



que possam lidar com a quantidade e diversidade de informação disponível e que, sobretudo, estejam atentos e saibam respeitar as diferenças.

Mais do que pensar que o mundo digital substituiu o industrial e que vivemos *online* e não em cidade, gosto de pensar que o que une as pessoas hoje é a possibilidade de afeto, de tocar, de sentir. Ainda que tocar e sentir já não pertençam mais, necessariamente, à esfera sensorial, eles persistem no âmbito subjetivo. E é de dentro da subjetividade que encontro a possibilidade de ver florescer uma vida que pode ser mais interessante, mais bonita, mais poética, mais viva.

## Referências bibliográficas

- Augé, Marc. (2009). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90 Graus Editora.
- Augé, Marc. (1997). *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Trad. Clarisse Meireles e Leneide Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Augé, Marc. (2010). *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: Edufal, Unesp.
- Baudelaire, Charles. (1996). *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Trad. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bauman, Zygmunt. (2001). *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Zygmunt. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Zygmunt. (2006). *Confiança e medo na cidade*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'água.
- Bauman, Zygmunt. (2007). *Modernidade e Ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Lisboa: Relógio D'Água.
- Benjamin, Walter. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas; v. I). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, Walter. (1994). *Rua de mão única* (Obras escolhidas; v. II). Trad. Rubens Rodrigo Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense.
- Calvino, Italo. (2003). *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo.
- Chatfield, Tom. (2012). *Como viver na era digital*. Trad. Bruno Fiuza. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Carlos, Ana Fani. (1989). *Reflexões sobre o espaço geográfico*. São Paulo: FFLCH/USP.
- Carlos, Ana Fani. (2001). *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto.
- Carlos, Ana Fani. (2004). *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto.

- Carlos, Ana Fani. (2007). *A cidade*. São Paulo: Contexto.
- Castells, Manuel. (1999) *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, Manuel. (2007) *A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. O poder da identidade*. Volume 2. Trad. Alexandra Lemos e Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, Manuel. (2004). *A galáxia Internet. Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Trad. Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castles, S.; Miller, M. J. (2003) *The Age of migration: International Population Movements in the Modern World*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Certeau, Michel de. (1998). *Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cristóvão, Fernando (coord.). (2003). *O olhar do viajante: dos navegadores aos exploradores*. Coimbra: Almedina e CLEPUL-L3.
- Cruz, M. Braga da. (2010) *Teorias Sociológicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, Eduardo Leal. *Indivíduo singular plural: a identidade em questão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- De Botton, Alain. (2012). *A arte de viajar*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Della Pergola, Giuliano. (2000). *Viver a cidade: orientações sobre problemas urbanos*. Trad. Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas.
- Dupas, Gilberto. (2003). *Tensões contemporâneas entre o público e o privado*. São Paulo: Paz e Terra.
- Felinto, Erick. (2006) *O ciberespaço como cidade ideal: sobre os estranhos destinos de uma metáfora urbana*. In: Prysthon, Angela. *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- Freitag, Barbara. (2006). *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papirus.
- Furtado, Beatriz. (2004) *Cidade anônima*. São Paulo: Hedra.
- Giddens, Anthony. (1991). *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP.
- Giddens, Anthony. (2012). *Sociologia*. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso.
- Hall, Stuart. (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da

- Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- Harvey, David. (1994). *A condição pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola.
- Ianni, Octavio. (1998). *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Índias Cordeiro, Graça e Vidal, Frédéric (org.). (2008). *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Jeudy, Henri-Pierre. (2005). *Espelho das cidades*. Trad. Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Keen, Andrew. (2012) *A Nova forma do autoritarismo virtual*. Epoca. Ano 2012, n. 733, mes JUN, páginas 108-111.
- Keen, Andrew. (2009) *O culto do amador*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lemos, André. (2001) *Ciber-Flânerie, Comunicação na Cibercultura*. São Leopoldo: Editora Usinos.
- Lemos, André. (2004). *Cibercidade: a cidade na cibercultura*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Lepetit, Bernard. (2001). *Por uma nova história urbana*. Trad. Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Lévy, Pierre. (1993) *As tecnologias da inteligência*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Lévy, Pierre. (1996). *O Que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34.
- Lévy, Pierre. (1999). *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34.
- Lévy, Pierre. (2003). *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola.
- Lipovetsky, Gilles. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole.
- Lipovetsky, Gilles. (2007). *A felicidade paradoxal – Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo*. Trad. Maria Lucia Mchado. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lipovetsky, Gilles e Charles, Sébastien. (2011). *Os tempos hipermodernos*. Trad. Luís Filipe Sarmiento. Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, Gilles e Juvin, Hervé. (2011). *O ocidente mundializado: Controvérsia sobre a cultura planetária*. Trad. Luís Filipe Sarmiento. Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, Gilles e Serroy, Jean. (2010). *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Trad. Victor Silva. Lisboa: Edições 70.
- Lyotard, Jean-François. (2000). *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa

- Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- Maffesoli, Michel. (2001). *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record.
- Maffesoli, Michel. (2007). *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record.
- Maffesoli, Michel. (2010). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maffesoli, Michel. (2001) *O imaginário é uma realidade*. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Vol 1, nº 15, pp. 74-82.
- Mcluhan, Marshall. (1996). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix.
- Mumford, Lewis. (1998). *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Tradução: Neil R. da Silva. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Ortiz, Renato. (2003). *Um outro território: Ensaio sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'Água.
- Pergolla, Giuliano Della. (2000). *Viver a cidade : orientações sobre problemas urbanos*. Trad. Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Editora Paulinas.
- Pessoa, Fernando. (1999). *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Recuero, Raquel. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Saldanha, Nelson. (1986). *O jardim e a praça; ensaio sobre o lado privado e o lado público da vida social e história*. Porto Alegre: Fabris.
- Sennett, Richard. (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sennett, Richard. (2003). *Carne e Pedra*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record.
- Schulz, Sonia Hilf (2008). *Estéticas urbanas: da polis grega à metrópole contemporânea*. Rio de Janeiro: LTC.
- Spósito, Eliseo Savério. (1994). *A vida nas cidades*. São Paulo: Contexto.
- Tocqueville, Alexis de. (2008). *Da democracia na América*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água.
- Tönnies, Ferdinand. (2010). *Comunidades e Sociedade*. In Cruz, M. Braga da. *Teorias Sociológicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.